

Essên  
Essên cida  
cida Essê

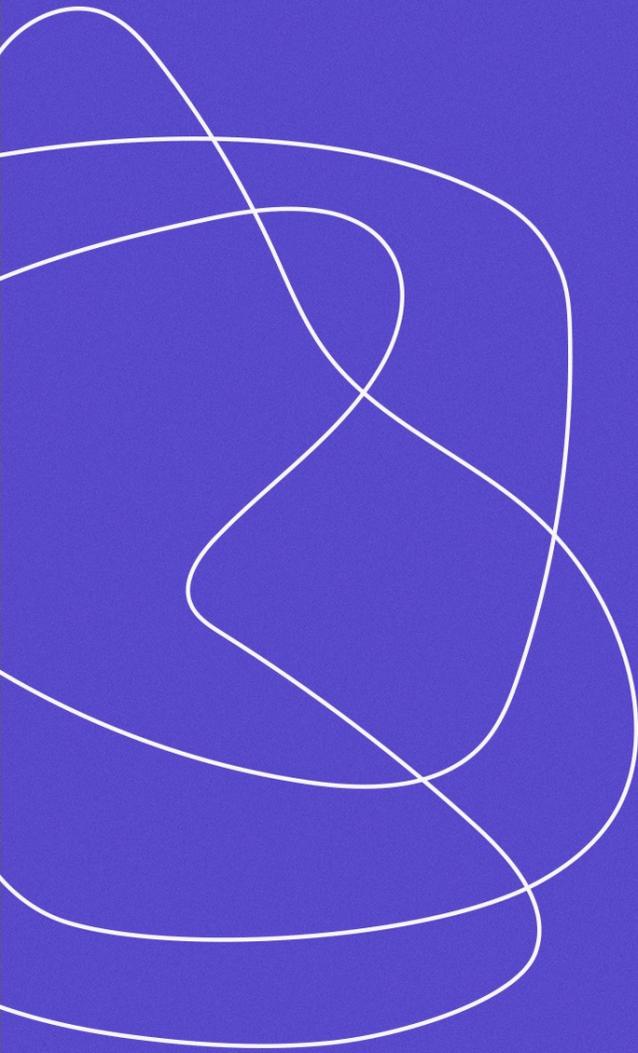
# Essência

O que nos move?

Essên Essê  
ên cida cida  
cida Essên Ess

# Sumário

1. Introdução .....	03
2. No princípio, a Palavra .....	04
3. O milagre intencional da Glória de Deus.....	16
4. A alegria do Senhor .....	25
5. Promovendo o amor de Deus .....	34
6. Promovendo o amor ao próximo .....	40
7. O amor de um Pai .....	47
8. O amor de um irmão .....	60
9. Cheios do Espírito Santo .....	68
10. Uma igreja presente e atuante.....	75
11. Eu vos envio .....	84
12. Discípulos: Ser e Fazer .....	94
13. Discipulado: evangelho, salvação e relacionamento .....	101
14. Valores do discipulado .....	108
15. A igreja e o discipulado .....	115
16. Dois senhores .....	123
17. A generosidade vai além .....	135



# Introdução

Há pouco tempo completamos um ano de vida comunitária. Um ano sendo igreja, um ano correspondendo ao chamado de Deus para sermos "um povo para a obediência que vem pela fé".

E a fé, na linguagem bíblica, também diz respeito ao conjunto de compreensões dos ensinamentos contidos na santa Palavra de Deus. Fé diz respeito às compreensões que nos levam a confiar no caráter santo e imutável de Deus, o que por sua vez nos levam ao caminho da obediência.

Se a fé vem pelo ouvir, ou seja, se a fé vem pela compreensão, é vital que a nossa compreensão seja a mais clara, profunda e fiel possível para a saúde da nossa expressão como povo da fé.

Diante disso, ficamos muito felizes em apresentar a primeira edição, da primeira parte, do conjunto de compreensões para aqueles que carregam a santa convicção de fazerem parte, como membros, da Livres Church.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo!

Que o Senhor nos abençoe!

Em Seu amor,  
Pastor Juliano Son

# ***No princípio, a Palavra.***

Para se compreender bem uma história é necessário partir do início. Ninguém começa uma série pela 4ª temporada ou um livro lá pela página 150. Para se envolver em uma narrativa, é preciso conhecer seu princípio.

É por isso também que grandes autores e diretores dão muita importância para o começo de suas histórias, pois ele irá ditar todo o restante da jornada.

É bastante significativo que a Bíblia nos conte uma história. Afinal, é através de nossas histórias que nos identificamos. As grandes perguntas da vida, “quem sou eu?”, “de onde venho?” e “como cheguei até aqui?”, só podem ser respondidas mediante nossas histórias. Logo, é apenas através da história de Deus que podemos nos conhecer.

A Escritura não narra uma história qualquer, ela apresenta *a grande história*. A Palavra demonstra o inigualável enredo do amor de Deus ao criar todas as coisas e ir até às últimas consequências por conta desse amor. Essa belíssima história não se inicia no nascimento de Jesus, mas no livro dos princípios, **Gênesis capítulo 1**.

A primeira frase do texto bíblico já demonstra de forma enfática o caráter de Deus ao dizer: *no princípio criou Deus*. Essa curta sentença é a chave para a compreensão de toda a Bíblia. Desde o início é Deus quem toma a iniciativa. Ele dá o primeiro passo. O amor, a compaixão e a graça partem do Senhor. Antes mesmo de buscarmos a ele, ele já se movia ao nosso encontro. Antes de nos perdermos, ele já havia traçado um plano para nossa salvação. É o Senhor quem dá o primeiro passo. Antes de mais nada, no princípio, Deus.

Para compreendermos essa história revelada no princípio, precisamos nos atentar a alguns pontos importantes. É comum termos um estranhamento com o livro de Gênesis, uma sensação de que algo não bate. Isso se dá pelo distanciamento entre nós, na atualidade, e o contexto em que o livro foi escrito.

Gênesis é um texto da antiguidade, estima-se que foi escrito há mais de 3.300 anos. Além disso, ele também foi composto e destinado para uma língua, cultura e região completamente diferente da nossa.

Existe um grande abismo entre nós e o texto que não podemos ignorar se quisermos compreendê-lo.

Tendo esses fatos em mente, podemos evitar alguns equívocos de interpretação. Uma regra básica para entender textos antigos é partir da seguinte pergunta: *“o que os destinatários originais deste texto teriam entendido?”*. Se interpretarmos algo completamente diferente do que as pessoas da época, estamos falhando em algum ponto do entendimento.

Devemos nos aproximar o quanto pudermos da intenção original do autor. Dessa forma, corremos menos risco de deturpar o sentido e o significado da Palavra de Deus. Para isso é necessário muita dedicação e estudo. Interpretações levianas das Escrituras geram graves consequências.

Primeiramente devemos mergulhar no mundo do autor do texto. Conhecer seu contexto, cultura, língua e gênero literário no qual ele se expressou.

Este é o grande desafio quando se busca entender a Bíblia. Mas por que isso é importante?

Pense no seguinte exemplo: você está em sua casa e se depara com três diferentes textos. O primeiro apresenta o seguinte:

*“Era um vez, em uma terra muito distante, um Gigante de três cabeças. Ele berrava a todos que por ele passavam: - Vai ver se eu estou lá na esquina!”*

Já no segundo texto, se escreve:

*“Tenho fome, fome tenho.  
Um cavalo eu comeria, comeria até morrer.  
Porque mais vale um cavalo no estômago  
Do que de fome eu sofrer.”*

Por último, o terceiro escrito diz:

*“No dia 17 de abril de 2022, na rua Apalaches, nº 3004, houve um evento beneficente que reuniu centenas de pessoas.”*

Para você, uma pessoa no Brasil atual, é muito fácil compreender cada um destes três gêneros literários. O primeiro claramente se trata de uma fábula, já o segundo, por suas estruturas e rimas, de um poema e, por último, um relato jornalístico. Cada um desses textos demanda um tipo de interpretação e possui propósitos únicos.

Porém, imagine que em um futuro distante, daqui há 3.000 anos, arqueólogos da Mongólia descobrissem esses mesmos textos que você leu em sua casa. Eles decidem fazer a tradução para sua língua local e, ao fazer isso, chegam à seguinte interpretação:

*“Concluimos que, de acordo com esses relatos, no Brasil de 2023, haviam gigantes de três cabeças que atacavam nas esquinas. As pessoas também comiam cavalos até a morte em eventos beneficentes de Abril”.*

É uma interpretação absurda, não é? Ela é fruto do desconhecimento do contexto no qual os textos foram escritos e da linguagem de seus gêneros. No entanto, é exatamente o que diversas vezes fazemos com os textos bíblicos. Justamente por isso precisamos estudar com diligência a Palavra de Deus.

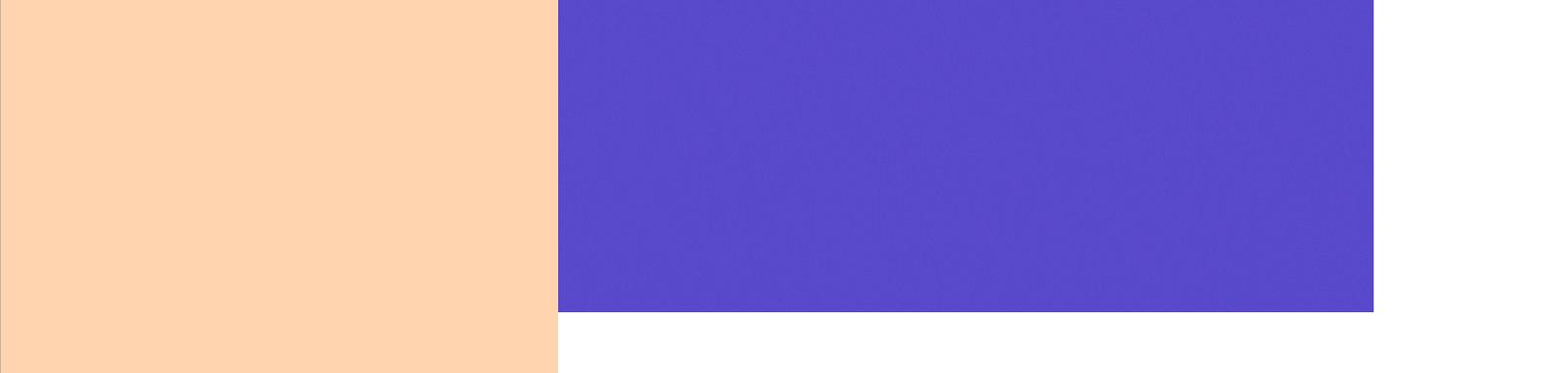
Não basta ler a Bíblia incontáveis vezes da maneira errada, isso apenas reforçaria a má compreensão. O maior mandamento diz: *"Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de toda sua força e de todo seu entendimento"* (Lc 10.27). O esforço intelectual faz parte do amor dedicado a Deus.

O texto bíblico traduzido em nossas mãos é fruto do árduo trabalho de pessoas que dedicaram suas vidas ao estudo teológico, linguístico, histórico e cultural para torná-lo acessível a todos. Fazemos uso do trabalho desses irmãos para conhecer melhor ao Senhor, o autor da Bíblia, uns aos outros e toda a criação.

Diante desta noção prévia, voltemos ao livro de Gênesis. O capítulo 1 não é um texto narrativo comum. Não é o mesmo tipo de texto do capítulo 2, por exemplo. Em Gênesis 1 existem elementos da poesia hebraica muito evidentes. Ele constitui uma linda obra artística e literária em seu contexto. O que, é claro, não torna seu conteúdo menos verídico. Vejamos algumas características da passagem:

- ❖ Diferentemente da poesia atual que pode ser caracterizada por rimas, a hebraica está mais ligada a repetições e estruturas. Em Gn 1 existem diversas repetições, como: *“Disse Deus, haja...”* (versos 3, 6, 9, 14); *“passaram-se tarde e manhã...”* (versos 5, 8 e 13); *“E viu Deus que era bom...”* (versos 10, 12, 18).
- ❖ Há uma rica estrutura no texto: o verso 2 diz que *“a terra era sem forma e vazia”*, então nos três primeiros dias Deus dá forma para aquilo que não tinha forma, e nos três seguintes ele preenche o vazio.

- ❖ No primeiro versículo existe uma estrutura característica da época presente em outras partes da Bíblia. No hebraico, a primeira frase do texto contém *7 palavras*. Já no versículo dois, são *14 (7x2)*. Isso ocorre porque os múltiplos serviam como conotação de ênfase. Na sequência, existem *21 referências* de terra e céus (*7x3*); *35 referências* a Deus (*7x5*); *7 vezes* a frase “*Deus viu que era bom*”.
- ❖ A própria criação no texto exhibe uma estrutura visível em qualquer tradução, pois ela é dividida em *7 dias*. Para os leitores da época, o número *7* representava completude, integralidade e perfeição.
- ❖ O numeral *7* permitia uma simetria na construção de textos e compreensões. Essa simetria segue o esquema **3, 1 e 3**, onde o que está no centro (**1**) é evidenciado. Na primeira frase da bíblia, que contém *7* palavras, o termo central é a palavra “**et**” no hebraico: “*Bereshit Bara Elohiym **et** haShamayim veet haAretz*”. Essa palavra é composta pela primeira letra do alfabeto hebraico, o *Alef*, e a última, o *Tav*. Em Apocalipse 1 Jesus se apresenta como o “**Alfa e o ômega**”, que são justamente a primeira e a última palavra do alfabeto grego.



Esses são apenas alguns exemplos da profundidade do texto de Gênesis observado a partir de seu contexto. Isso demonstra a importância de não impormos nossa realidade ao texto, forçando-o a dizer o que originalmente ele não diz. Um exemplo disso é o mal uso de Gênesis para defender ou debater questões da ciência moderna.

A intenção do autor bíblico é teológica. A ciência contemporânea tenta responder o “como” as coisas acontecem, mas não pode responder o “porque” elas existem. Ela pode descrever os processos da natureza, mas a Bíblia fala de sua origem e propósito a partir do Deus criador. Gênesis não foi composto para dialogar com a comunidade científica atual e sim para responder um anseio teológico. Essa perspectiva em nada diminui a veracidade do relato. Imagine um pai que responde à seguinte pergunta de sua filha de 4 anos: “Papai, como eu vim ao mundo?”. Ele responde à sua filha: “Querida, você veio ao mundo porque o papai e a mamãe se amam muito. Então, o papai colocou uma semente de amor na barriga da mamãe e você cresceu

lá até nascer”.

A criança entenderia perfeitamente a linguagem e a resposta de seu pai. Ela ficaria sabendo o que é mais importante para ela: *ela é fruto do amor do papai e da mamãe*. Certamente ela não se interessaria pelos milhares de processos celulares e biológicos que envolvem uma concepção, na verdade, ela nem mesmo teria o que é necessário para compreender os outros pontos de vista que abrangem aquela mesma verdade.

Isso torna a explicação do pai errada? De forma alguma, pois ele estava se comunicando com uma criancinha, não com um biólogo. Sua explicação atende uma finalidade específica. Da mesma forma, Gênesis não se propõe a tratar questões científicas. O interesse e o debate da época eram teológicos, afinal, a sociedade era profundamente religiosa. Este é, portanto, o foco do texto do capítulo 1 do livro dos princípios. O que trataremos na segunda parte dessa mensagem.

O que podemos concluir até aqui? Algo primordial para nossas vidas: **no princípio, Deus**. É Ele quem toma a iniciativa. Ele quem nos procura, ama e convida para um relacionamento, independente de o amarmos primeiro. Foi Ele quem enviou seu filho à nós *“enquanto ainda éramos pecadores”* (Rm 5.8). Nos cabe, então, responder a esse amor que está sobre nós desde *antes da criação do mundo*.

***O milagre***  
***Intencional da***  
***Glória de Deus***

Na mensagem anterior, tratamos sobre a importância de compreender melhor o texto bíblico mediante estudo. Vimos quão enriquecedor é ir ao texto observando seu contexto e significado original. Este é, na verdade, o grande desafio na interpretação bíblica. Aplicamos esse entendimento ao primeiro capítulo do livro de Gênesis.

Dando seguimento ao nosso estudo sobre o princípio de todas as coisas, duas perguntas podem nos auxiliar na aproximação da intenção original do texto. São elas: **1) Quem escreveu o texto?**; **2) Para quem ele foi escrito?** As respostas a essas questões nos darão um norte para a compreensão do que Gênesis 1 e 2 significou no passado e suas aplicações nos dias atuais. O entendimento do princípio muda não apenas o nosso presente, mas também nossa **perspectiva sobre o futuro**.

A partir da leitura de outros trechos da Bíblia, podemos responder à primeira pergunta norteadora: *quem escreveu o texto de Gênesis?* Neste caso, **o autor do livro foi Moisés**. Ele, que era hebreu, mas havia crescido no palácio do faraó, era muito versado na religião e cultura predominante em sua época.

Sabendo disso, podemos concluir também a segunda questão, que é *para quem o texto foi escrito*. Moisés foi o líder usado por Deus para libertar o seu povo da escravidão no Egito. Os hebreus haviam passado mais de 400 anos sob regime de servidão, mas agora rumavam em liberdade para a terra prometida. É neste contexto, e para esse público, que o livro de Gênesis foi escrito.

Séculos debaixo de um domínio estrangeiro certamente influenciaram (e muito) a cultura e o modo de pensar dos filhos de Jacó. Imagine o quanto a identidade dos hebreus foi afetada pela cultura egípcia. Era necessário que Moisés apertasse o botão de *reset* na mentalidade do povo de Deus.

Havia um modo de pensar predominante na época. Os povos do antigo oriente próximo possuíam, no geral, uma visão parecida sobre a vida e o universo à sua volta. Eles criam na existência de muitos deuses e entidades na figura de animais, astros e rios. O universo, naquela cosmovisão, surgiu a partir do caos ou da interação conflituosa entre os muitos deuses.

Um exemplo interessante é o animal que representava o caos e o poder no Egito, a *serpente*. Não é à toa que o ser que representa o tentador no Éden é uma cobra. Não havia figura melhor naquela cultura para expressar o mal.

Diante dessas coisas, já podemos ter uma noção do quão disruptivo foi a revelação de Gênesis. Em uma cultura onde o sol, a lua e os animais eram deuses, Moisés diz que existe apenas **um Deus criador e sustentador de todas as coisas**. Os astros no céu e tudo o que há na terra foi feito pelas suas mãos. E ainda, não como resultado da ordem de outro deus, ou como fruto do caos, mas por sua *plena soberania e vontade*. Ele criou tudo a partir do nada, de forma proposital e significativa.

Gênesis 1.2 descreve que a *"terra era sem forma e vazia"*. Isso nos ajuda a entender o que o Senhor fez no processo dos 7 dias de sua criação. Nos três primeiros dias, Ele dá forma; já nos três seguintes, preenche o vazio.

No entanto, no lugar de uma pessoa daquela época, sentiríamos falta de um elemento na narrativa da criação. Em lugar algum no jardim do Éden há a presença de um **templo**. A estrutura do templo era central naquela sociedade. Ele representava a morada dos deuses, o contato entre o céu e a terra, onde os homens poderiam acessar a divindade. Dele partia toda a relação de poder e dominação.

Os templos eram a representação de um lugar sagrado onde reinavam os deuses. O faraó era o governante supremo do Egito porque representava os deuses do templo. Os sacerdotes eram influentes porque intermediavam o contato entre deuses e homens. Fica evidente que a ausência de templo no Éden tem o objetivo de comunicar algo.

Embora não haja menção de uma estrutura religiosa na narrativa da criação, o jardim do Éden possui várias características de um templo. A primeira delas pode ser observada no sétimo dia, quando, ao finalizar sua obra, Deus **descansou**. A palavra “*descanso*” no português é traduzida da palavra *shabat* no hebraico. O termo *shabat* era utilizado para descrever o momento em que um rei se assentava soberano em seu trono, como regente absoluto de seu domínio. Logo, ao terminar sua criação, o Senhor passa a **reinar sobre ela**.

A passagem de Isaías 66.1 demonstra isso muito bem: “*O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés. Que espécie de casa vocês me edificarão? É esse o meu lugar de descanso?*”. Deus descansa ao final de sua criação porque **Ele faz dela a sua morada**.

Outro aspecto que nos ajuda a compreender esse conceito é a prática de consagração de templos da época. Para que um lugar fosse preparado para ser o local de descanso de um deus, era realizada uma cerimônia de preparação do espaço. O período de duração deste processo levava **sete dias**. Um exemplo bíblico é o templo de Salomão, que foi consagrado em *sete dias, no sétimo mês do ano* (1 Re 8; 2 Cr 7).

Para aquele contexto, a mensagem era clara e revolucionária: ***toda a criação é o templo do Deus altíssimo***. Ou seja, a presença de Deus está acessível a todos os homens sem a necessidade da construção de pontos de encontro. Deus fez do universo o seu lar.

Isso implica a falta de sentido do pensamento que considera a matéria como algo essencialmente ruim. Pensamento que é até compartilhado por muitos cristãos. Há uma expectativa errônea da destruição do mundo e uma nova realidade em outro lugar. Quando, na verdade, o Senhor está, em Cristo, *restaurando todas as coisas*.

No último capítulo de Apocalipse, a nova Jerusalém que desce dos céus (onde também não existe templo) é descrita no formato de um cubo. Apenas outro lugar tem esse mesmo formato nas Escrituras: *o santo dos santos*. Nos novos céus e na nova terra, retornaremos ao propósito inicial, que é Deus habitar em sua criação.

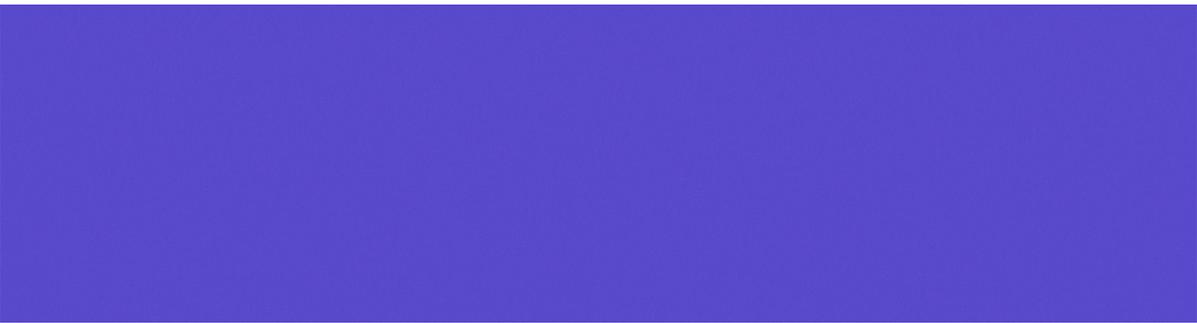
Se a criação é o templo de Deus onde ele reina, como ele exerce esse governo? Com quem ele divide sua casa? O último processo na consagração de um templo na antiguidade era o momento em que a imagem da divindade era inserida no local. Os sacerdotes faziam um ritual diante da imagem com encantamentos onde, na compreensão deles, o espírito da entidade passava a habitar na estátua que a representava.

Em Gênesis 1, no sexto dia da criação, Deus insere sua representação no mundo: *o homem e a mulher, feitos à sua imagem e semelhança*. Ao criar a humanidade, o Senhor sopra neles o seu espírito, lhes dando vida, e eles passam a ser seus representantes em sua habitação.

Em uma sociedade onde os poderosos exerciam domínios por, supostamente, representar as divindades, **Gênesis afirma que cada homem, mulher e criança é representante do Criador.** Não há uma só pessoa, independente de sua etnia, nacionalidade ou classe social, que não seja feito à imagem e semelhança de Deus.

O que era feito à imagem de um deus era considerado como feito ao próprio deus. Logo, quem fere outra pessoa não está apenas ofendendo seu próximo, mas o próprio Deus que o criou. Aqui, no princípio da criação, são destruídos todos os argumentos racistas e segregacionistas da humanidade. **Não existe ninguém que não seja um milagre intencional da glória de Deus.** Ninguém que não tenha propósito.

De acordo com o livro de Gênesis, amar o próximo também é amar a Deus. O que é feito ao outro é feito ao Senhor. O que é negado ao próximo também é negado a Deus. O apóstolo João afirmou anos mais tarde: *“Como alguém pode dizer que ama a Deus, a quem não vê, se não ama seu irmão, a quem vê?”* (1 Jo 4.20).



A igreja é povo de Deus restaurado ao que foi feito no princípio e que convida a todos para uma nova realidade. Na eternidade iremos retornar ao início, onde Deus disse que tudo era muito bom. A história não caminha para destruição, mas para a restauração. Esperamos “novos céus e nova terra, onde habita justiça” (2 Pe 3.13).

# ***A alegria do Senhor***

Em Neemias 8.1-12, a Bíblia nos conta a linda história da reconstrução da identidade do povo de Deus. O templo do Senhor, que outrora esteve destruído, foi reedificado, os muros de Jerusalém foram reerguidos e a lei de Deus foi encontrada, lida e explicada às pessoas. Era um dia de festa em Israel porque tudo aquilo simbolizava o retorno da presença de Deus no meio do povo.

O livro de Neemias é a última etapa na cronologia da narrativa histórica do Antigo Testamento. Portanto, o que se dá no capítulo 8 é muito significativo, não apenas para a época, mas também para o futuro de Israel e para nós hoje. Para entendermos melhor a importância daquilo que Deus estava fazendo, precisamos lembrar alguns acontecimentos que apontam para o plano de Deus como um todo.

O famoso rei Davi, por volta de 1000 a.C, idealizou a construção de um templo para o Senhor em Jerusalém. Entretanto, Salomão, seu filho, foi o responsável pela construção. Após o governo desses dois reis, por conta de várias complicações, Israel se dividiu em duas diferentes nações. Das doze tribos que formavam o povo, dez se tornaram o reino do norte, chamado de Israel, e as outras duas o reino do sul, Judá.

O reino de Israel foi marcado por grande depravação das leis de Deus e profunda idolatria, tendo seu fim no domínio assírio, por volta de 721 a.C. Judá, por sua vez, passou por uma relação de altos e baixos com a vontade do Senhor e teve um tempo maior como nação soberana. Porém, debaixo da condenação de muitos pecados, o reino também foi subjugado e conquistado pelo império babilônico em 587 a.C.

As grandes potências da época seguiam uma estratégia comum de dominação. Ao conquistar uma nação, logo eles destruíram os principais laços de união entre o povo para evitar rebeliões. Esses laços eram os líderes e governantes, os sacerdotes, as propriedades e os templos. Não foi diferente com o povo de Deus. A Babilônia destruiu Jerusalém e o templo do Senhor como uma forma de retaliação às resistências de Judá.

Na terra arrasada de Judá e Israel, apenas os mais pobres e menos influentes foram deixados para o cultivo. As pessoas mais ricas e poderosas foram levadas ao cativeiro. No entanto, a grande Babilônia também caiu e em 538 a.C, quando foi conquistada pela Pérsia. Assim, Ciro, rei da Pérsia, promoveu o retorno dos povos dominados para seus territórios de origem.

Dessa forma, segundo a providência de Deus, os judeus puderam retornar para a terra prometida.

Esse retorno ocorreu em três diferentes momentos. O primeiro foi liderado por Zorobabel, que também foi o responsável pela reconstrução do templo. O segundo, pelo sacerdote Esdras, que liderou uma caravana 70 anos depois. Por último, Neemias foi movido pela necessidade de reconstruir os muros de Jerusalém e se dedicou a esse propósito.

A missão de Neemias não era apenas reerguer os muros da cidade, mas também a identidade da nação como povo da aliança de Deus. Era necessário restabelecer os marcos que haviam sido destruídos para que as pessoas compreendessem o bom propósito do Senhor. Nesse processo, o templo era parte indispensável do que Deus estava revelando.

A Bíblia faz questão de contar a história e a importância da construção do templo de Salomão, sua destruição e reedificação. Mas, por que razão um prédio antigo teria alguma relevância para nós atualmente? O templo de Jerusalém era mais um passo na construção de um entendimento que o Senhor estava gerando em seu povo. Como muitos elementos do Antigo Testamento, ele apontava para uma realidade futura e mais sublime.

Desde o princípio da criação, o propósito de Deus era habitar em meio ao seu povo. Na compreensão dos povos da antiguidade, o templo era o lugar onde a realidade divina se conectava com a terrena. Em outras palavras, onde os céus e a terra se uniam. Diante dessa compreensão, o relato de Gênesis foi intencional em descrever todo o universo como o templo do Senhor.

No entanto, sabemos que o pecado destruiu o propósito original de Deus, habitar com a humanidade. O homem foi colocado em “quarentena”, separado da presença manifesta de seu criador. Nesse momento se iniciou um longo plano de restauração vindo da parte do Senhor.

No livro de Êxodo, o Senhor manda que Moisés construa um tabernáculo, uma estrutura móvel que serviria como uma espécie de templo. Através do tabernáculo, que era colocado no centro do acampamento das tribos de Israel, o Senhor habitaria no meio do seu povo, enquanto eles caminhavam em direção à terra prometida. O tabernáculo era uma demonstração daquilo que o Senhor estava traçando desde o Éden.

Centenas de anos mais tarde, a estrutura do tabernáculo foi substituída pelo templo de Salomão. O profeta Isaías anunciou que esse templo seria chamado de *“casa de oração para todos os povos”*. Ou seja, a intenção de Deus sempre foi alcançar todas as nações por meio do seu povo onde habitava sua presença.

Por causa da rebeldia e do insistente pecado de Israel, o templo foi destruído, o que simbolizou a ausência da presença de Deus em meio ao povo. Depois do exílio, a misericórdia do Senhor alcançou mais uma vez Israel e o templo foi reconstruído. Essa história é narrada nos livros de Esdras e Neemias.

Após esses fatos, 400 anos se passaram onde não houve revelação das Escrituras, o que é chamado de silêncio profético. Mas, finalmente, em João 1, o apóstolo nos diz que *“a Palavra se fez carne e **‘tabernaculou’** entre nós”*.

A referência da presença de Deus, portanto, deixa de ser o templo e passa a ser seu próprio Filho, o Deus encarnado.

Quando Jesus morreu fazendo propiciação pelo pecado da humanidade, a Bíblia revela que o véu do templo se rasgou de alto a baixo. Este véu era o que fazia a separação entre o santíssimo lugar, onde se manifestava a presença de Deus, e o mundo. Esse romper simboliza o livre acesso à presença de Deus por meio de Cristo Jesus.

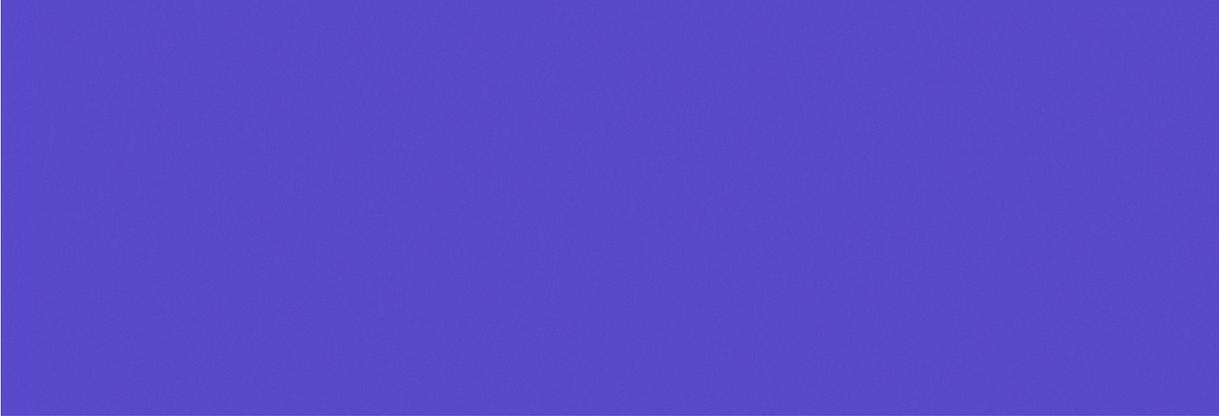
A história não termina por aqui. O Novo Testamento continua a usar a linguagem do templo, mas agora não mais como um prédio e sim como o próprio povo de Deus (1 Co 6). Paulo é intencional ao afirmar que “*vocês são a morada de Deus*”. O Senhor agora habita no coletivo de seu povo, em sua igreja.

A igreja não é, portanto, um prédio, um templo feito por mãos humanas, pelo contrário, ela é o povo em quem Deus habita. É na unidade de seu povo que o Senhor pronuncia benção e vida (Sl 133). É através dessas pessoas que o Senhor alcança todas as nações para fazer um só povo de sua habitação. É a igreja que leva a presença de Deus às nações.

Apocalipse 21 e 22 demonstram a restauração final daquilo que havia sido perdido. Na nova Jerusalém, como no Éden, não há templo, pois o Senhor habitará com seu povo. O propósito final de Deus se cumprirá e ele estará com sua igreja para sempre.

Se voltarmos à passagem de Neemias 8, vemos que, ao ouvirem a explicação da lei de Deus, o povo se abateu em lágrimas. Isso ocorreu porque, naquele momento, eles se deram conta da maneira como abandonaram a aliança do Senhor. Entretanto, Neemias ordena que o povo deixe de chorar e comece a festejar, pois aquele dia era dia de restauração e não mais de condenação. Para encorajar ao povo, ele diz:

*“Disse-lhes mais: Ide, comei as gorduras, e bebei as doçuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto não vos entristeçais; porque a alegria do Senhor é a vossa força”.* – **Neemias 8:10**



A palavra que é traduzida do hebraico como “força” também pode significar “fortaleza”, “lugar seguro” e “refúgio”. Em outras palavras, Neemias estava dizendo ao povo que a alegria do Senhor era o refúgio deles. O Senhor estava alegre e seu povo poderia se refugiar em seu bom propósito.

Da mesma forma, todo aquele que se arrepende diante da mensagem do evangelho é recebido com festa nos céus. Quem crê no Senhor Jesus pode se refugiar em sua alegria e fazer parte do lugar da sua habitação: *o povo de Deus*. O Senhor está convidando, através de sua igreja, pessoas de todo o mundo para fazerem parte de sua alegria na salvação e se tornarem sua morada eterna.

**A alegria do Senhor é a nossa força!**

# ***Promovendo o amor a Deus***

Quais palavras melhor definem o evangelho? Muitas são as respostas para essa pergunta, como "amor", "esperança", "salvação" ou "justificação". Ainda que todas elas identifiquem a boa mensagem de Jesus, existe uma palavra que geralmente nos escapa, mas é central para o entendimento do evangelho. Essa palavra é: Aliança.

O que seria uma aliança? Em termos simples, é um acordo solene, um contrato que decreta os direitos, obrigações e a conduta de ambas as partes. Fato é que todos já nascem debaixo de um tipo de aliança. Por exemplo, ao nascer, não se decide qual será sua família ou nacionalidade.

Logo ao vir ao mundo já somos inseridos em um acordo de leis que regem nossa sociedade e nos sujeitamos a ele. Isso se dá porque somos seres relacionais e relacionamentos demandam uma aliança. Afinal, fomos criados à imagem e semelhança de um Deus que está em uma eterna aliança de relacionamento em amor. Deus é um Deus de aliança. O amor é a grande chave da aliança, é ele quem garante todos seus aspectos.

A primeira aparição da palavra “aliança” no texto bíblico é em Gênesis 6.18, quando Deus faz uma aliança com Noé. Entretanto, o conceito de aliança já está presente desde a criação, já no primeiro capítulo do livro dos princípios, no relacionamento do Senhor com Adão e Eva.

A realidade da aliança vem antes do vocabulário da aliança na Bíblia. Essa aliança é quebrada pela humanidade desde o início e segue sendo quebrada repetidamente. A condição do rompimento deste acordo solene entre Deus e o homem é a morte.

Cria-se, portanto, uma tensão entre a vida por obediência e a morte por desobediência a essa aliança em toda narrativa bíblica. Tensão entre graça, compaixão e amor perante lei, justiça e juízo decorrente do rompimento do acordo.

Pessoas acabam tendendo para um dos lados desses aspectos. Alguns enfatizam a lei e as obrigações, caindo no legalismo. Já outros enfatizam o amor e a graça sem limites e acabam levianos. Em que lado ficar, ao lado das “normas legalistas” ou da “graça barata”?

Há um texto, ainda no livro de Gênesis, que revela o que Deus tinha em mente desde o princípio. Em Gênesis 15.1-21 o Senhor faz uma promessa de descendência e posse da terra de Canaã ao idoso Abrão. Esse, por sua vez, crê na palavra de Deus e isso lhe é creditado como justiça, mas pede uma garantia do cumprimento da promessa. O que acontece em seguida é a chave para entendermos o caráter da aliança de Deus.

O Senhor estabelece um pacto nos moldes da época com o pai da fé. Para que uma aliança fosse estabelecida naquele contexto, animais eram partidos ao meio e ambas as partes do acordo caminhavam entre as vísceras. Isso era feito para simbolizar que, caso houvesse uma quebra do acordo, o destino do violador seria o mesmo dos animais. É então que, ao cair de densas trevas, algo surpreendente acontece.

Em uma manifestação de fogo, o Senhor passa *sozinho* entre os animais. Abrão não toma parte na condenação da quebra da aliança, o Senhor assume a responsabilidade de ambas as partes. Deus estava dizendo: *“Eu serei castigado se eu não cumprir com minha promessa, mas também serei castigado (com a morte) se você não cumprir com a sua”*.

Em Jeremias 31.31-34 lemos a respeito da promessa de uma nova aliança. Na realização dessa promessa, o povo de Deus teria sua lei escrita nos corações e seria sua propriedade exclusiva. A nova aliança se dá em Cristo Jesus. Ele cumpre todos os termos da aliança sendo merecedor de todas suas bênçãos, mas também leva toda a maldição da quebra do acordo pagando os termos punitivos. Ali, onde densas trevas lhe cobriram, ele sendo justo, justificou seu povo (Isaías 53.11-12).

Foi assim que Deus cumpriu os termos de sua aliança com toda a humanidade. Não como um ditador, mas como um Pai que ama seus filhos. Ele assumiu todo o prejuízo sendo fiel por Ele e por nós.

Da mesma forma que Abrão foi justificado por crer na promessa de Deus, todo aquele que crê em Cristo é justificado por sua justiça. Nele se estabelece a nova aliança, pelo seu sangue derramado em favor dos seus (Lucas 22.19-20).

Chegou o dia profetizado por Jeremias. Deus, através de Cristo, escreve a lei de seu amor em nossos corações e nos faz propriedade exclusiva dele. É o amor que faz cumprir todos os termos da aliança. O Senhor chama um povo diferente, que não se sujeita a ele pelo medo, mas pelo amor. O medo é o instrumento dos manipuladores e não do Pai. Por isso, aqueles que estão debaixo de sua aliança o servem e adoram em resposta a esse amor. É este amor que o evangelho gera em nossos corações. Nessa nova aliança que permanece, eternamente, para todo aquele que ama ao Senhor.

# ***Promovendo o amor ao próximo***

O que você diria se lhe perguntassem “quem é você”? Um detalhe: para responder a essa pergunta, você não poderia fazer uso de nenhuma referência externa a si mesmo. Por exemplo, não poderia dizer de quem é filho ou com quem é casado. Também não poderia falar de onde veio ou qual sua nacionalidade. Na verdade, nem mesmo se pronunciar em português seria possível, afinal, você herdou esse idioma de alguém. Difícil, não?

Essa única condição torna impossível responder a essa simples questão, pois apenas conseguimos nos identificar através de nossos relacionamentos.

Somos capazes de elaborar definições sobre nós apenas dentro de nossas relações porque fomos criados à imagem e semelhança de um Deus intrinsecamente relacional. O Criador está em profundo estado de comunhão desde a eternidade. Não é à toa que o próprio Deus se identifica na Bíblia como o “*Deus de Abraão, Isaque e Jacó*”. Cristo é chamado de o *filho de Davi* e sua genealogia é evidenciada, pois quem Ele é tem a ver com suas relações também.

Nós somos nossos relacionamentos. Vivemos e nos movemos na dependência do outro. Portanto, se nos definimos através do outro, o sentido de nossa existência também não pode ser encontrado fora das relações.

O autoconhecimento e a autoajuda não são capazes de revelar nosso propósito, pois o nosso propósito não está em nós mesmos, mas na relação com Deus e com o próximo.

Isso é tão importante que Jesus morreu na cruz para salvar nossas relações, tanto a horizontal como a vertical. Ele nos salva da falta de pertencimento. Essa salvação nos livra do egocentrismo e do egoísmo do pecado para nos incluir em uma comunidade relacional.

A palavra “comunidade” é bastante usada na tentativa de definir o que é a igreja. Mas a verdade é que a igreja não é uma simples comunidade. Existem vários tipos de comunidades, como a escola, a faculdade, a academia e até mesmo o bar. Nessas comunidades as pessoas também se encontram e se relacionam. No entanto, o que faz a igreja ser uma comunidade extraordinária é algo incomparável: o *amor de Deus*. Deus é amor e esse amor manifesto na igreja é o que faz dela inigualável.

Na epístola de 1 João podemos destacar três realidades do amor: **1)** *O amor se faz vulnerável* (1 Jo 3.11-18); **2)** *O amor não exige reciprocidade* (1 Jo 4.10); **3)** *O contraste entre amor e ódio na comunidade* (1 Jo 2.18-19). Vejamos cada um desses destaques abaixo.

## 1) O amor se faz vulnerável (1 Jo 3.16)

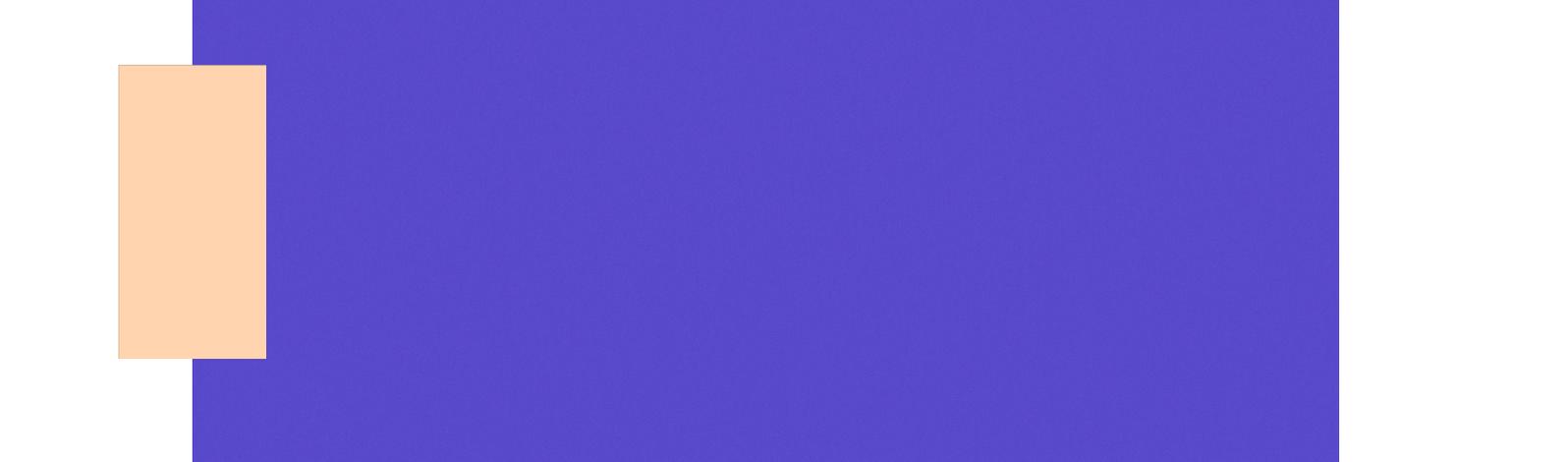
João nos diz que “*Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos*”. Em outras palavras, Cristo se tornou vulnerável para nos amar. Essa vulnerabilidade de Jesus não significa fraqueza, mas permitir-se ser ferido para manifestar o amor. A entrega do Senhor na cruz demonstra o quanto ele se expôs ao sofrimento por amor.

Se Jesus estivesse em um estado de alerta constante, sempre se preservando, de que forma pessoas como Pedro, Tiago, Judas e até mesmo eu e você poderíamos nos aproximar dele? Amar como Jesus é permitir ser ferido nas relações e permanecer em amor.

Apenas quem ama pode ser traído, ferido e ofendido. Quem não se faz vulnerável como Jesus jamais poderá experimentar a realidade do amor nos relacionamentos.

## 2) O amor não exige reciprocidade (1 Jo 4.10)

A Palavra nos revela que Deus não nos amou por reciprocidade. Ou seja, não amou porque era amado, pelo contrário, nos *amou enquanto ainda éramos pecadores* (Rm 5.8). Se o amor é graça (e graça é amor), é algo que não merecemos. Diante disso, qual deve ser o nosso critério para amar alguém?



A partir da revelação do amor de Deus, são aqueles que julgamos menos merecedores de amor que justamente atendem aos critérios do amor. São pessoas que não dão razão para serem amadas que devem ser acolhidas pela comunidade de Jesus.

Agindo dessa forma, apenas replicamos o que antes nos foi dado: *amor sem merecimento*. Isso só é possível pelo fato do amor ser muito mais que um sentimento, ser uma decisão.

### **3) O contraste entre amor e ódio na comunidade (1 Jo 3.11-18)**

Biblicamente falando, o amor vai muito além de um sentimento. Sentimentos estão envolvidos no amor, mas o verbo “amar” apenas se concretiza a partir das ações. O amor se manifesta, portanto, em ações planejadas, sóbrias e racionais que acontecem, muitas vezes, independentes dos sentimentos.

Um grande exemplo do amor prático está em João 3.16. Na famosa passagem, o resultado do amor de Deus é a *entrega* de seu filho. O amor de Deus se manifestou em uma doação, doação essa planejada antes mesmo da fundação do mundo.

Podemos observar, ainda no desenrolar de João 3, que as pessoas estavam debaixo da *ira justa de Deus*. Ou seja, Deus não decidiu nos amar porque estava tomado por sentimentos afetuosos, ele nos amou *apesar* de sua ira.

Deus é justo em nos ordenar a amar. Se o amor fosse apenas um sentimento involuntário, não seria possível obedecer a essa ordenança. Porém, o amor é uma ação independente de sentimento, assim podemos *decidir* amar.

De outra forma, como seria possível amar os inimigos e aqueles que nos perseguem? Podemos não ter sentimentos afetuosos pelos nossos inimigos, mas podemos servi-los em amor.

João demonstra em sua epístola que não há meio termo: é possível apenas amar ou odiar nosso irmão. Não há caminho do meio. Se o amor é ação, podemos odiar nossos irmãos ainda que tenhamos sentimentos afetuosos por eles. “Compadecer” profundamente do próximo, mas não fazer nada a respeito. Em contraste com o amor que se entrega, o ódio nada faz.

Na ausência de atos de amor, que tipo de comunidade a igreja será? O verdadeiro amor de Deus nos constrange a decidir amar. Devemos deixar de lado, portanto, o “amor” que se dá apenas no discurso ou que se restringe ao sentimento. É através do amor prático, real e concreto que a igreja se relaciona com o Pai, com os irmãos e com o mundo.

# ***O amor de um pai***

Histórias são enriquecidas à luz de seus contextos. Imagine o seguinte caso: “Certo homem, morador da cidade de São Paulo, tinha um filho. Esse garoto foi flagrado dirigindo a Ferrari de seu pai acima dos 160 quilômetros por hora em uma via residencial. Quando abordado pelos policiais, constatou-se que o rapaz, que tinha apenas 15 anos, estava completamente alcoolizado”.

Se você é um cidadão brasileiro do século XXI, nada mais precisa ser acrescentado para o entendimento dessa história. Não é preciso dizer que o pai é um homem rico, pois a Ferrari é um carro de luxo. Também não é necessário salientar que 160 quilômetros por hora é uma alta velocidade para regiões urbanas. Muito menos que garotos de 15 anos não podem dirigir, quanto mais alcoolizados!

No entanto, imagine se esse mesmo caso fosse contado para um público de 2 mil anos atrás. Certamente seria impossível compreender a história sem explicar cautelosamente cada detalhe. O contexto faz toda a diferença para a compreensão de uma mensagem.

A Bíblia não foi escrita primeiramente para brasileiros do século XXI. Os primeiros destinatários das Escrituras estavam em outras épocas e culturas. Até podemos captar o objetivo de diversas histórias bíblicas, mas apenas poderemos compreendê-las em suas riquezas de detalhes mediante o pano de fundo no qual elas foram contadas.

Em Lucas 15, Jesus apresenta três histórias para responder uma única pergunta: *por que ele comia com publicanos e pecadores?* O Senhor estava no período final de seu ministério, caminhando em direção à Jerusalém onde seria crucificado. Havia uma grande oposição da parte dos fariseus e mestres da lei contra Cristo e a tensão só aumentava. Grande parte das críticas voltadas ao Mestre se baseavam em seu relacionamento com os “pecadores”.

No versículo 1, podemos observar que Jesus estava rodeado de “*publicanos e pecadores*”. Quem eram essas pessoas e por que elas causavam tanta aversão aos fariseus? Publicanos, ou cobradores de impostos, eram judeus que trabalhavam para o Império Romano na cobrança de impostos de seus conterrâneos. Ocupar esse cargo era um grande privilégio para aqueles que desejavam enriquecer. A função poderia ser comprada por pessoas de boa condição e então utilizada para extorquir outros judeus.

Os romanos, que dominavam Israel e boa parte do mundo naquela época, cobravam um valor estabelecido de imposto. Pouco importava o quanto pediam os publicanos aos judeus, desde que o valor do império fosse repassado. Assim, os cobradores de impostos aumentavam a taxa o quanto podiam para lucrar com o excedente. Eles eram considerados verdadeiros traidores de Israel.

Já os “pecadores” eram todos os reprovados no crivo das leis farisaicas. Entre eles havia prostitutas, ladrões e beberrões, mas também pessoas que simplesmente não conseguiam cumprir com as duras regras dos Mestres da lei. Eram desprezados pela sociedade e pela religião. Jesus não apenas recebia os pecadores e publicanos, muito mais que isso, comia com eles.

O ato de compartilhar uma refeição à mesa com alguém era profundamente significativo. Apenas se aceitava o convite de comer com outra pessoa se esse alguém fosse de profunda estima do convidado. Aceitar o convite era aceitar a própria pessoa. Para os fariseus, era o cúmulo do escândalo Cristo comer com pecadores e publicanos

Podemos observar a importância do ato de se sentar à mesa com alguém em outras passagens da Bíblia. Em Gálatas 2, por exemplo, vemos que Paulo repreendeu a Pedro pois esse comia normalmente com crentes gentios, mas deixou de fazê-lo na presença dos adeptos à circuncisão. Em Apocalipse 3.20, temos a promessa de Cristo de ceiar junto com aquele que lhe abrir a porta, o que simboliza íntima comunhão.

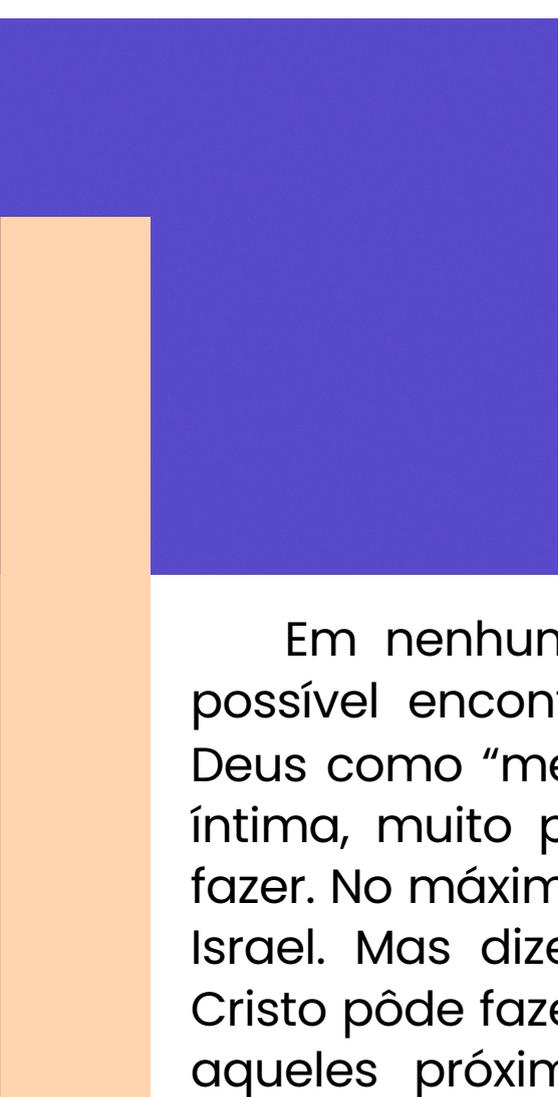
Os fariseus, em sua maioria, eram pessoas de sincera devoção. Eram estudiosos da lei de Moisés e notáveis referências espirituais para o povo. Possuíam a fama de serem “separados” para Deus, que é o que quer dizer a palavra fariseu. Eram “gente do bem”.

Essa “separação” dos fariseus era explícita quando se certificavam em não se relacionar de forma alguma com (em sua concepção) impuros, gentios, ímpios e pecadores. Comer com pessoas desse tipo, para os fariseus, era ir diretamente contra as leis de pureza. Eles criam estar agradando a Deus dessa forma. Como lidar, então, com Jesus de Nazaré?

Para responder os fariseus, Cristo conta três versões da mesma história: a parábola da Ovelha perdida, da Dracma perdida e do Filho Pródigo. As parábolas da *Ovelha perdida* e da *Dracma perdida* possuem o mesmo ponto: Quem que, ao perder algo de valor, não o procura diligentemente até encontrá-lo? A resposta óbvia para essa pergunta é *todo mundo*. É muito lógico procurar algo de valor que se tenha perdido.

Veja a grandeza do que Cristo estava afirmando. Se é natural para qualquer pessoa procurar algo valioso até encontrar, como Deus não sairia à procura das pessoas que estão perdidas? O Senhor estava afirmando que os pecadores, publicanos e desprezados possuíam grande valor para Deus.

Quão absurda era essa mensagem aos ouvidos dos fariseus. *"Deus estaria por aí procurando esse tipo de gente?! O Senhor recebe e se alegra com pecadores amaldiçoados?! Blasfêmia!"*, certamente pensaram alguns. No entanto, quão transformadoras foram essas palavras aos ouvidos dos desprezados. Eles estavam ouvindo que eram preciosos e que o Senhor estava à procura deles.



É então que, ao contar a terceira parábola, sobre o Filho pródigo, Jesus responde a outra pergunta: *por que Deus iria à procura de pecadores?* A revelação da resposta para essa questão é tremenda e sem precedentes: *porque Deus é Pai.*

Em nenhum lugar do Antigo Testamento é possível encontrar um indivíduo se referindo a Deus como “meu pai”. Essa afirmação era muito íntima, muito próxima, para uma única pessoa fazer. No máximo o Senhor era o pai da nação de Israel. Mas dizer “*aba Pai*” é algo que apenas Cristo pôde fazer. Por isso foi tão importante para aqueles próximos a Jesus ouvir da boca do próprio Deus: “*Este é o meu Filho amado*”.

Não é à toa que, dentre todas as religiões monoteístas, os cristãos são os únicos a se relacionarem com Deus como “*aba pai*”. Sabemos que a revelação do Senhor foi progressiva de Gênesis a Apocalipse. Deus se revelou na história como *Criador, Senhor, Deus santo, Justo* e o *grande Eu Sou*. Porém, o clímax da revelação, Ele deixou para o Messias. A identidade revelada de Deus em Cristo é de *Pai nosso*.



A partir do versículo 11 de Lucas 15, Cristo começa a revelar o coração paterno de Deus. Para isso, ele nos conta a história de um pai e seus dois filhos. O filho mais moço, logo no início da história, faz algo aterrador para aquela cultura. Ele pede a seu pai, ainda vivo, sua parte da herança.

O pedido do menino poderia ser parafraseado da seguinte forma: *“Eu não aguento mais esperar você morrer. Não me importo com você. Gostaria que já estivesse morto. Deixe-me viver minha vida por mim mesmo, como quero. Me dê a minha parte da herança”*.

O que chama atenção no texto é o fato de o pai não negar o pedido descabido de seu filho. Mesmo sendo desonrado e tremendamente ofendido, o pai dá o que o filho lhe pede. Deus não nega a liberdade a ninguém. Ele não o fez no Éden e não o faz em nossas vidas. O Pai não nos impede de nos afastarmos dele. Essa liberdade também nos revela qual é o caráter do Pai.

No desenrolar da parábola, vemos que o menino foi para muito longe e gastou todo seu dinheiro de forma irresponsável e imoral. Seu intuito era ficar o mais distante possível dos olhos do pai. E quando a região em que ele estava foi assolada por uma grande fome, o rapaz começou a passar necessidade.

O texto é muito enfático em demonstrar a situação decadente daquele jovem. Ele é mandado trabalhar com porcos, que eram os animais mais impuros para os judeus. De tanta fome, ele deseja comer a lavagem dos animais, mas nem isso lhe era dado. Ele estava no fundo do poço.

Com certeza aquele jovem passou por um longo e excruciante processo para chegar até a situação em que se encontrava. Trabalhar com porcos não deve ter sido sua primeira opção, mas a última solução diante do desespero. Logo, certamente ele já havia se arrependido de ter saído da casa de seu pai. Entretanto, a culpa, a vergonha e o sentimento de que jamais seria aceito novamente o levaram a nem cogitar um retorno.

Porém, no versículo 17, Cristo nos conta que o rapaz caiu em si. Não foi a fartura ou o luxo do antigo lar que o fez pensar que ele poderia retornar, mas a bondade de seu pai. Na antiga casa, o pai era tão bondoso que até os empregados comiam e se fartavam. A bondade do pai era sua única esperança. Diante disso, ele bolou um plano. Ele pensou: *“Já que filho eu não sou mais, empregado eu posso ser”*.

Havia três tipos de empregados: os escravos, os trabalhadores assalariados e os empregados sob demanda. Os escravos moravam na casa do seu dono e viviam com ele. Os trabalhadores possuíam um contato diário com seus patrões. Já os empregados sob demanda trabalhavam apenas por um período e logo não possuíam mais vínculos com o empregador. É esse terceiro tipo de empregado que o menino pensa em ser. Em sua mente, não havia a mera possibilidade de o pai querer se relacionar com ele novamente.

Para o filho, aquele parecia um bom plano. Ele iria confessar seu pecado, reconhecer as consequências de seus erros e fazer um apelo à misericórdia do pai. Essa era sua única saída: colocar sua vida nas mãos do pai. Assim, ele partiu para uma longa viagem de volta ao lar.

Até este momento da história, os fariseus deveriam estar vibrando. *“Bem-feito! Tinha mesmo que passar necessidade. Tinha mesmo que passar fome a ponto de comer comida de porco. Ele merece tudo que está acontecendo a ele!”*. Entretanto, o versículo 20 aparece como uma bomba de graça sobre os corações condenados. A partir desse ponto da história, Cristo começa a revelar as características de Deus Pai. Daqui em diante, ou você desejaria matar Jesus ou se apaixonaria pelo Pai.

Jesus diz que o pai, ainda de longe, vê o seu filho. Isso significa que aquele pai estava observando o horizonte durante todo o tempo, aguardando o retorno de seu filho. Ele não havia perdido a esperança; ele ainda aguardava o retorno de seu menino. Não apenas isso, o texto diz que *ele correu*. Era desonroso para um pai de família correr, mas ele não se importou com isso. A alegria de ver seu filho foi tão grande que ele quebrou as normas sociais e se lançou para abraçar e beijar o rapaz. Este é o coração paterno de Deus. Damos um passo em sua direção e ele corre ao nosso encontro.

Observe que o pai não demonstra qualquer objeção à confissão do filho. A confissão faz parte do processo de cura e perdão (1 Jo 1.9). O moço segue dizendo: *“não sou mais digno de ser chamado teu filho”*. Mais uma vez o pai não o interrompe, pois de fato ele não era mais digno da filiação. Porém, quando o jovem passa a falar sobre ser um empregado, na mesma hora o pai interrompe. Isso ele não permitiria. Rapidamente o pródigo é restaurado à posição de filho e herdeiro.

O pai ordena a seus servos que vistam o rapaz com uma roupa digna e manda calçarem seus pés, pois apenas os escravos andavam descalços. Um anel, que representava a autoridade do pai, foi colocado em seu dedo e uma grande festa foi dada para comemorar o retorno do menino. *Ele estava perdido, mas agora havia sido achado; estava morto, mas voltou a viver* (Lc 15.24).

O Senhor Jesus, que foi duramente criticado por comer com pecadores, demonstrou de maneira gloriosa que o Pai estava chamando para casa os desprezados. O Senhor procura os indignos, sujos, traidores e desprezados para os fazer filhos e herdeiros. É na presença do Pai, em sua mesa, em sua casa, que está a restauração dos perdidos.

*“Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”.*

**- Lucas 19:10**

# ***O amor de um irmão***

Na primeira parte de nossa mensagem, vimos que Jesus contou três versões da mesma história para revelar o amor do Pai na busca pelos perdidos. O Senhor tinha dois públicos como alvo de sua mensagem, os pecadores, os quais ele recebia e comia com eles, e os fariseus, que o julgavam justamente por isso.

Para o antigo pregador Charles Spurgeon, as três histórias em Lucas 15 demonstram o envolvimento de toda a trindade na salvação. Em seu entendimento, Jesus seria o bom pastor que busca sua ovelha, o Espírito Santo a mulher que acende a luz para encontrar sua dracma e o Pai o homem que ama seus dois filhos.

Os pecadores são representados na ovelha, na dracma e no filho pródigo. Mas ainda há um papel importante a ser representado: *o filho mais velho* (Lc 15.11-32). Quem esse personagem seria para Jesus? Os fariseus e mestres da lei que criticavam duramente sua postura com os desprezados (Lc 15.1-2).

É evidente que o filho mais novo na parábola se perdeu. Ele foi para uma terra distante, gastou seu dinheiro com prostitutas e chegou à miséria. É inegável seu estado de perdição. No entanto, seu irmão mais velho, que permaneceu na casa do pai, demonstra algo em seu posicionamento: *seu coração estava tão longe do pai como o de seu irmão.*

Enquanto ocorria uma grande festa, o filho mais velho estava trabalhando. Ao ouvir o som de música e dança, ele chamou um servo para lhe explicar o que estava acontecendo. É nesse momento que a alegria de seu pai se torna o motivo de sua ira, pois a celebração acontecia por causa do retorno de seu irmão.

Aquela não era uma comemoração qualquer. A carne bovina era cara e um bezerro gordo era uma iguaria reservada apenas para momentos excepcionalmente especiais. A festa não era apenas para algumas pessoas, mas para toda a comunidade. Diante disso, o que antes estava escondido no coração do filho mais velho, explodiu em um amargo desabafo. Ele até mesmo se recusa a entrar na casa de seu pai.

A partir do versículo 29 de Lucas 15, vemos qual eram as motivações do filho mais velho ao obedecer o pai. Existem três características no seu discurso que demonstram o quão perdido ele estava, mesmo sem ter seguido os passos de seu irmão.

Em primeiro lugar, sua relação com o pai era de patrão e empregado. Ele desejava que fosse pago o que lhe era devido:

*“Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos.’ - Lucas 15:29*

Não era isso que o pai esperava de seu filho. Não uma relação de senhor e escravo, mas de pai e filho. O filho mais velho obedecia ao pai como uma forma de conseguir algo em troca, um pagamento pelos seus serviços. *“Eu fiz a minha parte, cumpri suas ordens. Por que você não faz a sua?!”* Este era o seu discurso. Suas palavras são de desonra e não de amor. São de um subalterno ao seu empregador.

Que fundamento é esse onde Deus é colocado em uma posição de devedor? O que essa motivação diz a respeito do caráter do Senhor? Jesus veio para revelar a paternidade de um Deus que nos salva independente de nossas obras. Não merecemos coisa alguma além de condenação, ainda assim ele nos chama de filhos (Ef 2.8; 1 Jo 3.1). O Senhor não busca por empregados assalariados, mas por filhos e filhas que respondam ao seu amor.

Esperar receber algo de Deus em troca da obediência é não compreender que ele já nos deu todas as coisas em Cristo Jesus (Ef 1.3). Ele não é um coronel ou um tirano à procura de mão de obra barata. Pelo contrário, Ele é um Pai amoroso que nos faz seus herdeiros: *“tudo que eu tenho é seu”* (Lc 15.31).

A segunda característica que deve ser destacada no discurso do filho mais velho é que ele estava tão distante do pai quanto seu irmão que havia partido. O filho mais novo desobedeceu para conseguir aquilo que queria, satisfazer suas próprias vontades. No entanto, o mais velho obedecia, mas pelo mesmo objetivo, sua própria satisfação. Enquanto a injustiça visível de um mostrava que ele era pecador, a falsa justiça do outro apenas escondia os pecados em seu coração.

O filho mais novo fez o que fez por não amar o pai. O mais velho também. Ele não era obediente por amor, mas por interesse. Os dois estavam amando apenas a si mesmos. Por isso, a resposta do pai é tão pertinente: *“Você está sempre comigo”*. Em outras palavras, o que o pai estava dizendo era *“minha presença não é o suficiente?”*. Nenhum dos dois filhos conseguia se satisfazer com a presença do pai. Ambos tinham um desejo interesseiro pelo que o pai poderia dar, e não por ele em si.

Por qual razão fazemos aquilo que fazemos? Nesta parábola, Cristo diz a nós, crentes, que a motivação é mais importante do que aquilo que de fato é feito. O verdadeiro evangelho nos desperta amor e profunda gratidão a Deus e por isso nos move. Já o falso evangelho faz de Deus um meio para algo. Faz da obediência uma moeda de troca.

A terceira e última característica a ser destacada no filho mais velho é a profunda raiz de amargura em seu coração. Por causa de uma falsa expectativa e uma visão deturpada, o filho se torna incapaz de compartilhar da alegria do pai. O rancor, o julgamento e a vontade de ser reconhecido impediam que ele celebrasse o retorno de seu irmão perdido.

Pessoas cheias de si, mesmo com grande vigor religioso, se tornam incapazes de aceitar os outros por causa das falhas que elas mesmas não cometem. Os pecados externos não praticados por elas se tornam pedras de condenação a serem atiradas aos filhos mais novos.

*“Eu não minto, por isso não suporto gente mentirosa!”* - mas é justamente esse tipo de gente que é celebrada quando vai a Cristo. O filho mais velho, olhando o cisco no olho de seu irmão, não percebe a trave que o cega. A alegria e o rancor não conseguem existir ao mesmo tempo em uma única pessoa. A felicidade de Deus ao receber pecadores se torna motivo de ódio para os que se consideram merecedores do novilho gordo

Perceba a desconexão com o coração do pai. A agenda do pai era encontrar seu filho perdido. Já a do filho mais velho era ser reconhecido por aquilo que fazia. O desejo do pai não era ver apenas uma silhueta no horizonte, mas duas, o filho mais velho carregando seu irmão mais novo de volta para casa.

Esse era o papel das referências religiosas nos tempos de Jesus. Os fariseus, escribas e doutores da lei deveriam receber e guiar com grande alegria os pecadores de volta à casa do pai. Esse é o desejo do Senhor para todo crente, ser tão semelhante a Jesus a ponto de os publicanos e pecadores desejarem estar por perto para ouvir sobre o perdão e a restauração que existe no amor de Deus.

No entanto, Cristo sabe que filhos mais velhos também precisam voltar para casa. Mesmo sendo desonrado e desrespeitado, o pai da parábola trata com amor e compaixão seu filho e o convida novamente para a festa de sua graça. O pai deseja ambos os filhos em sua presença. Também há festa quando deixamos de buscar a Deus pelo que ele pode fazer por nós e passamos a lhe reconhecer em profundo amor e comunhão.

Podemos encontrar abundância de prazer e propósito no Pai. Como o salmista já sabia, “*O Senhor é o meu pastor; de nada terei falta*” (Sl 23.1). Estar em Cristo é poder fazer a mesma oração que ele fez na convicção que já temos todas as coisas:

*“Tudo o que tenho é teu, e tudo o que tens é meu”* – **João 17:10**

# ***Cheios do Espírito Santo***

O natal é, sem dúvida, a data mais celebrada no mundo. Nesse dia comemoramos a chegada de alguém que havia sido prometido, esperado e que mudou a história: o *Senhor Jesus*. Entretanto, existe uma outra data tão significativa quanto o natal e que é comumente ignorada. Ela também representa o cumprimento da promessa da vinda de uma pessoa inigualável. Este é o *dia de Pentecostes*, dia da vinda do Espírito Santo.

O Espírito Santo pode parecer misterioso para nós. Muitos são menos cientes de seu papel e acabam por não compreender a grandeza de quem Ele é. No entanto, conhecer e se relacionar com o Espírito de Deus é de suma importância para a vida cristã.

Gênesis 1 nos diz que “O Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. Já no início das Escrituras, no princípio de todas as coisas, o Consolador é a primeira pessoa da Trindade a ser mencionada. Seu agir é central durante todo o decorrer tanto do Antigo como do Novo Testamento.

Ao longo da narrativa bíblica, o Espírito Santo parece ser aquele que gosta de atuar nos bastidores. Talvez seja por isso que alguns tenham mais facilidade para se relacionar com o Deus Pai ou com o Deus Filho do que com o Deus Espírito.

Porém, não precisamos permanecer na ignorância quanto ao Espírito Santo, pois onde Ele é buscado, Ele é achado. Cristo garantiu que o Pai não negaria o seu Espírito a quem o pedisse: “o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem pedir” (Lc 11.13).

A força do Espírito em nós quando o buscamos é imparável! Toda a história da igreja testemunha do poder de Deus se manifestando através da vida de pessoas cheias do Espírito Santo.

O Evangelho de João é um dos melhores lugares para conhecermos a pessoa e o papel do Espírito. O apóstolo estrutura seu livro da seguinte forma: do capítulo 1 ao 12 ele cobre cerca de três anos do ministério de Jesus. Já o restante do livro foca nos três últimos dias antes da crucificação. Os capítulos de 13 à 17 são dedicados apenas para a última noite do Mestre. E são nesses cinco capítulos que o Senhor enfatiza o propósito e o caráter do Espírito Santo.

Nos últimos momentos antes de sua morte, Jesus fala sobre sua partida. Diante disso, os discípulos ficam profundamente entristecidos, mas o Senhor os consola com a promessa de um outro alguém como ele, o parákletos. A palavra grega parákletos é traduzida em nossas bíblias de muitas formas, como: “consolador”, “auxiliador”, “conselheiro”, “advogado” e “amigo”. Essa palavra deixa evidente que Jesus não estava se referindo a uma força ou energia, mas a uma pessoa como ele.

O Espírito Santo não é “outro” diferente de Jesus, ele é “outro” como Jesus. Ele é Deus como Cristo é Deus e também uma pessoa com propósitos, sentimentos e um papel específico a ser desempenhado na dinâmica da Trindade. O Senhor Jesus estava prometendo a vinda de outro “Deus conosco”.

Não podemos, portanto, entender o convite a “ser cheios do Espírito” como se Ele fosse um tipo de substância que pudéssemos ingerir, consumindo maior ou menor quantidade. Em Ef 5.18, Paulo nos exorta a não nos “embriagarmos com o vinho”, mas sermos “cheios do Espírito Santo”.

Com isso ele não quer dizer que o resultado da ação do Espírito seja um tipo de embriaguez e torpor sem controle, mas que da mesma forma que é nítido o estado de uma pessoa embriagada, é nítido a influência do Espírito na vida de alguém.

O chamado para sermos cheios do Espírito é um convite à um íntimo relacionamento. Este relacionamento produz um resultado tão marcante em nossas vidas que é impossível que as pessoas ao nosso redor não reconheçam essa relação. Para nos relacionarmos com Ele, precisamos conhecer bem seu caráter e sua obra.

Entre todas as traduções possíveis para o termo paráclitos, uma parece abranger todas as demais, que é a palavra "amigo". A amizade do Espírito Santo é constante, consoladora e auxiliadora. Ainda há o conceito da palavra "advogado", que também representa muito do papel do Espírito.

Cristo também é chamado de paráclitos que advoga por nós diante do Pai quando pecamos (1 Jo 1.8). Ele nos representa diante de Deus apresentando sua perfeita justiça em nosso lugar. Sua obra perfeita na cruz garante o pleno perdão dos nossos pecados e, diante dela, a justiça de Deus se manifesta em nossa vida.

Com isso ele não quer dizer que o resultado da ação do Espírito seja um tipo de embriaguez e torpor sem controle, mas que da mesma forma que é nítido o estado de uma pessoa embriagada, é nítido a influência do Espírito na vida de alguém.

O chamado para sermos cheios do Espírito é um convite à um íntimo relacionamento. Este relacionamento produz um resultado tão marcante em nossas vidas que é impossível que as pessoas ao nosso redor não reconheçam essa relação. Para nos relacionarmos com Ele, precisamos conhecer bem seu caráter e sua obra.

Entre todas as traduções possíveis para o termo paráclitos, uma parece abranger todas as demais, que é a palavra “amigo”. A amizade do Espírito Santo é constante, consoladora e auxiliadora. Ainda há o conceito da palavra “advogado”, que também representa muito do papel do Espírito.

Cristo também é chamado de paráclitos que advoga por nós diante do Pai quando pecamos (1 Jo 1.8). Ele nos representa diante de Deus apresentando sua perfeita justiça em nosso lugar. Sua obra perfeita na cruz garante o pleno perdão dos nossos pecados e, diante dela, a justiça de Deus se manifesta em nossa vida.

Da mesma forma, o Espírito nos lembra do “pecado, da justiça e do juízo”. Ele não faz isso como um acusador, mas como consolador nos lembrando do que Cristo fez e de sua justiça atribuída a nós.

O Espírito testifica que somos filhos de Deus por causa da obra de Cristo (Rm 8.16). Ele age como um advogado que testemunha de forma decisiva diante de um júri para o veredito de um julgamento. Ele nos concede a plena convicção de que pertencemos ao Senhor. Promove em nós a paz ao nos lembrar que a dívida do nosso pecado está consumada.

É este amigo que estará conosco para sempre. Seu consolo, companheirismo e fidelidade sempre nos acompanham e, quanto mais o buscamos, mais podemos encontrá-lo. Ele é aquele que continua pairando sobre nossa escuridão para trazer sua luz, harmonia e novidade de vida. Nos salva do isolamento para um relacionamento com Ele e com todo seu povo: sua igreja cheia do Espírito Santo.

# ***Uma igreja presente e atuante***

Alguns teólogos utilizam a seguinte ilustração: *se a Bíblia fosse uma montanha, o Sermão do monte seria o seu cume.* No evangelho de Mateus, dos capítulos 5 a 7, podemos ler essa que é a principal mensagem de Jesus. Ela carrega ensinamentos profundos sobre as características dos discípulos de Cristo e é a base sólida de como a igreja deve se mover e existir no mundo.

Esse ensinamento de Cristo era para seus discípulos, mas eles não eram o único público naquele momento. Além dos seguidores do Mestre, havia ali também uma grande multidão (Mt 5.1). A multidão estava constantemente ao redor de Jesus e era beneficiada por tudo aquilo que ele fazia, mas sempre se mantinha a uma distância segura.

Na multidão os doentes eram curados e oprimidos libertos. Recebiam o pão multiplicado e ouviam as inigualáveis palavras de Cristo. No entanto, era com seus discípulos e não com a multidão que Jesus aprofundava seu relacionamento.

Podemos estar entre dois públicos diferentes diante de Jesus, com a multidão, que o segue de longe para seu benefício, ou entre os discípulos, que verdadeiramente se comprometem com ele.

Para seus discípulos Cristo tem um caráter que os difere de tudo no mundo, o que demonstra quem eles são e o que eles fazem. Só podemos viver um verdadeiro relacionamento íntimo com Jesus se estivermos dispostos a assumir seu caráter como discípulos.

Antes de compreender qual é o caráter que Cristo pede aos seus, é preciso entender o que realmente significa "caráter". O caráter é aquilo que ninguém pode enxergar, mas está em nós. É o nosso homem interior que nos define e é visto em nossas ações. É aquilo que somos e que é refletido no que fazemos. Só podemos agir como o Senhor deseja se antes tivermos o caráter que ele pede.

Primeiramente, o Mestre fala daquilo que define seus discípulos como *bem-aventurados*. Eles são os pobres de espírito que possuem o Reino de Deus. São os que choram, mas serão consolados. São cheios de misericórdia pois receberam misericórdia. Possuem fome e sede de justiça e certamente serão saciados. São os perseguidos e difamados por causa do Reino, mas que guardam um grande galardão nos céus. São os *mais que felizes* discípulos de Jesus (Mt 5.1-12).

Ao expor a definição dos seus seguidores como bem-aventurados, Cristo apresenta, então, como isso se manifesta na prática na identidade e no agir de seus discípulos. Isto é, seu caráter como *sal da terra e luz do mundo* (Mt 5.13-16). Jesus faz uso desses dois elementos para ilustrar de maneira contextualizada e funcional a sua mensagem. O entendimento desses símbolos é essencial para vivermos a vontade de Deus para sua igreja presente e atuante.

O primeiro elemento é o sal (Mt 5.13), que por si já demonstra algo fatídico: o mundo está em processo de apodrecimento. Em uma época que não havia refrigeração elétrica, uma das funções do sal era a preservação de alimentos. O sal era um elemento imprescindível para prolongar a vida útil das carnes para o consumo. Alimentos sem a preservação do sal poderiam apodrecer até mesmo horas. Pois essa é justamente a realidade do mundo à nossa volta.

O mundo está repleto de lacunas, desesperanças, problemas e frustrações. Nesse momento, existem milhares de situações de terrível sofrimento, abuso, falta de recursos, abandono e doença. Não é nenhuma novidade para qualquer observador atento que a sociedade vai de mal a pior. O mundo está em constante processo de deterioração.

Os discípulos são, portanto, o sal que preserva o mundo. Eles não são a resposta para o sofrimento, mas apontam para ela, que é o nome bendito de Jesus. Em semelhança com o sal que afeta tudo aquilo que toca, a igreja de Deus faz a diferença para melhor naquilo que se envolve. Os discípulos preservam e temperam a vida das pessoas ao viverem o caráter de Jesus aplicado em suas vidas.

A ação do sal é invisível aos olhos, ninguém pode ver o sal que foi misturado ao alimento. Assim também é o agir de Deus na vida de seus discípulos, nasce de dentro para fora. É o caráter, que está no íntimo dos cidadãos do Reino, que dá gosto, equilíbrio e significado ao mundo ao seu redor.

Jesus fala sobre o sal “perder o seu sabor”. Isso é possível? Cristo faz essa pergunta para evidenciar algo que deve ser levado em consideração pelos seus seguidores. O sal era fabricado através da evaporação da água do mar morto em grandes placas. Ele era raspado até que sobrasse apenas uma grossa camada de sujeira misturada ao sal. Este sal sujo não poderia ser consumido, portanto, era utilizado para tapar buracos no chão e derreter a neve nas escadas do templo. Ou seja, o sal impuro só servia para ser pisado pelos homens, nada mais.

O sal perde seu propósito quando não pode ser utilizado para salgar, isso se dá por conta da impureza. Quando nosso caráter está sujo pelo pecado, não podemos ser usados por Deus da maneira que Ele deseja. Cristo enfatiza a importância da pureza de seus discípulos para serem úteis em suas mãos. Primeiramente, precisamos ser purificados no íntimo, naquilo que é invisível, para só depois sermos usados para temperar e preservar o mundo.

Para tratar do segundo elemento que demonstra quem são seus discípulos, Cristo diz: *“vocês são a luz do mundo”*.

Jesus está tratando do mesmo assunto, o caráter, mas agora de outro ponto de vista. Este elemento representa o que pode ser visto e testemunhado por todos, como o brilho de uma forte luz. Isso é aquilo que as pessoas de fato podem enxergar em nossas vidas. Ou seja, nosso caráter em Cristo pode ser formado daquilo que é interior e invisível, como o agir do sal, mas se manifesta em ações que iluminam o mundo.

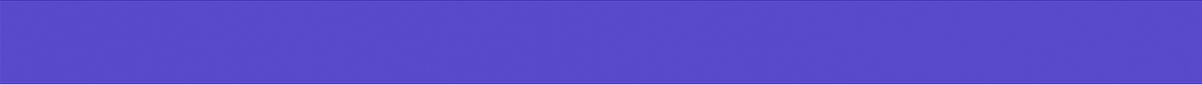
Jesus é a luz do mundo. Quando ele diz que seus discípulos também são luz, ele está afirmando que eles possuem sua essência, seu Espírito. Seus discípulos não são a fonte da luz, mas refletem seu brilho através das obras que praticam. É apenas pelo Espírito de Deus que é possível ter o mesmo caráter de Jesus e refletir sua ação no mundo.

A luz só é útil quando está em um lugar apropriado. Para demonstrar isso, o Senhor dá dois exemplos: *uma cidade e uma candeia*. Jesus diz que *"uma cidade não pode ser edificada sob um monte"*. O Senhor tinha Jerusalém em mente quando usou esta ilustração.

A cidade santa foi o alvo de muitas profecias do Antigo Testamento que lhe apresentavam como luz para os povos. Assim são os discípulos de Jesus, um povo de uma nova cidade que é luz para as nações. Cidades são compostas por casas, por famílias. Quando muitas famílias são iluminadas pela maravilhosa luz de Cristo, toda uma cidade pode ser transformada.

O outro exemplo do Senhor é o de uma candeia que não pode ser escondida sob uma vasilha. Isso significa posicionamento. Uma luz só é útil quando posta em um lugar alto, onde pode dissipar as trevas. Da mesma forma, só podemos iluminar o mundo se estivermos posicionados em meio a escuridão. O lugar onde os discípulos de Jesus devem brilhar a luz de suas boas obras é onde está mais escuro.

Muitas coisas podem abafar a luz que o Senhor acendeu em seus discípulos, como o pecado, o mundo e as distrações. No entanto, ele não nos acende para apagarmos outra vez, mas para brilhar eternamente refletindo sua luz. Se não temos iluminado o mundo ao nosso redor, não é porque ele não acendeu a luz, mas porque estamos mal posicionados ou abafados. Devemos nos desfazer dos abafadores e do mal posicionamento para que todos vejam as obras de Cristo em nossas vidas.



A ordem de Jesus é positiva: *vá e brilhe diante dos homens*. Não somos chamados para iluminar projetos, objetos, instrumentos ou instituições, mas pessoas. O caráter de Cristo só pode ser visto nos relacionamentos. Não é possível iluminar à distância. Apenas na proximidade do relacionar que as pessoas poderão ver as mesmas obras de Jesus. E as boas obras de Cristo são essas: aquelas que levam as pessoas para perto de Deus.

O agir manifesto pelo caráter de Cristo em seus discípulos é a salvação dos perdidos. O caráter de Deus para uma igreja presente e atuante é de sal que salga e luz que ilumina. São discípulos que aplicam em si e ao seu redor a mensagem de Jesus. É um povo que tem sal em si mesmo, por isso tempera o mundo; reflete a verdadeira luz do Senhor, então ilumina todos os homens.

# ***Eu vos envio***

O que te dá satisfação? Existe algo que faz você se sentir realizado? Muitas respostas podem ser dadas a essas perguntas por diferentes pessoas. Mas para Jesus, há apenas uma conclusão a essas questões: “a minha comida e a minha bebida é fazer a vontade daquele que me enviou” (Jo 4.34).

Ninguém pode viver sem comer e beber. Nenhuma pessoa à beira da desidratação trocaria um copo de água fresca por sucesso profissional. Da mesma forma, nenhum faminto prefere um diploma universitário no lugar de um prato de comida. Comida e bebida são elementos essenciais para a vida.

Logo, para Cristo, o que lhe dava mais alegria, contentamento e satisfação, o que lhe era essencial para viver, era fazer a vontade do Pai. Em João capítulo 4, Jesus demonstra para os discípulos e para nós que só há plena satisfação em um lugar: na obediência que gera a salvação dos perdidos.

O contexto desse ensino de Jesus é o seu encontro com uma mulher samaritana. Depois de uma longa viagem, o Senhor decidiu repousar ao lado de um poço, enquanto seus discípulos iam à cidade em busca de alimento. Neste momento, por volta do meio-dia, uma mulher de Samaria foi ao poço em que Cristo estava para buscar água.

Não era nada comum mulheres cumprirem a árdua tarefa de retirar água no horário mais quente do dia. A samaritana, ciente disso, ia ao poço propositalmente ao meio-dia justamente para não se encontrar com ninguém. Fazia isso por ser uma mulher de má fama, certamente muito criticada por seus vizinhos. O que ela não esperava era que na tentativa de não cruzar com ninguém em seu caminho, ela teria o encontro mais importante de sua vida.

Há uma grande riqueza de significado em todo o diálogo entre Jesus e a samaritana, e a palavra-chave para compreender essa conversa é **perspectiva**. O Senhor fala da água da vida, mas a samaritana pensa na água terrena. Ele revela algo íntimo da vida da mulher de maneira sobrenatural, mas ela desvia a conversa para a discussão de onde se deve ou não adorar. O Mestre, então, lhe ensina a respeito da adoração em espírito e em verdade, a mulher, por sua vez, diz que apenas o Messias poderia revelar essas coisas. Finalmente, Jesus se apresenta a ela como **o próprio Messias, o Cristo de Deus**.

Perceba que, durante todo o diálogo, Jesus dirige a conversa a uma **perspectiva eterna**, enquanto a mulher insiste em uma terrena. Cristo lhe convida para olhar além do chão.

Apenas quando o Senhor se revela como o salvador é que ela compreende a visão que ele desejava lhe provocar. Sabemos disso por um simples gesto: *ela deixa seu cântaro para trás*.

O cântaro era o objeto necessário para a mulher carregar a água que ela foi retirar do poço. No entanto, ao encontrar-se com Jesus, ela recebeu algo muito melhor do que aquilo que mataria sua sede momentaneamente. Ela encontrou a água da vida. Sua perspectiva mudou. Ela deixa o que era simplesmente material, físico, porque recebeu algo muito mais precioso, algo inesgotável.

Jesus revelou para a samaritana uma perspectiva da eternidade. Esse também é o propósito do Senhor para nós. Quando entendemos nosso papel na missão, somos levados a um lugar de plena satisfação. São nos versículos de João 4.35-38 que Cristo aprofunda este ensinamento para seus discípulos.

Ao retornarem da cidade, os discípulos insistiram para que Jesus comesse algo. Cristo, porém, se recusa, dizendo: *"tenho algo para comer que vocês não conhecem"*. Eles pensam que alguém havia dado comida ao Mestre, quando na verdade Jesus se referia a um alimento melhor (Jo 4.34).

Desde já percebemos as mesmas características da mulher samaritana nos discípulos, pois *a perspectiva deles também era meramente terrena.*

O Senhor, então, começa a dirigir a visão dos discípulos para o que realmente importa: *“Vocês não dizem: ‘Daqui a quatro meses haverá a colheita’? Eu lhes digo: levantai os olhos e vejam os campos! Eles estão maduros para a colheita”* (Jo 4.35). Eles se encontravam diante de grandes plantações de trigo que, naquela estação do ano, ainda estavam verdes. Como Jesus poderia dizer que era tempo de colheita?

Os samaritanos e os judeus, por conta de sua rixa histórica, tinham vestimentas diferentes. Enquanto os judeus usavam roupas mais embranquecidas, os samaritanos vestiam túnicas de um tom bege, muito semelhante à cor do trigo maduro. No momento em que Cristo falava aos discípulos, uma grande multidão de samaritanos cruzava as plantações na direção deles. A multidão e não o trigo é a colheita madura a qual Cristo se referia.

Jesus pede a seus discípulos que levantem seus olhos.

Desde já percebemos as mesmas características da mulher samaritana nos discípulos, pois *a perspectiva deles também era meramente terrena.*

O Senhor, então, começa a dirigir a visão dos discípulos para o que realmente importa: *“Vocês não dizem: ‘Daqui a quatro meses haverá a colheita’? Eu lhes digo: levantai os olhos e vejam os campos! Eles estão maduros para a colheita”* (Jo 4.35). Eles se encontravam diante de grandes plantações de trigo que, naquela estação do ano, ainda estavam verdes. Como Jesus poderia dizer que era tempo de colheita?

Os samaritanos e os judeus, por conta de sua rixa histórica, tinham vestimentas diferentes. Enquanto os judeus usavam roupas mais embranquecidas, os samaritanos vestiam túnicas de um tom bege, muito semelhante à cor do trigo maduro. No momento em que Cristo falava aos discípulos, uma grande multidão de samaritanos cruzava as plantações na direção deles. A multidão e não o trigo é a colheita madura a qual Cristo se referia.

Jesus pede a seus discípulos que levantem seus olhos.

O convite era para que eles deixassem de se atentar ao que era terreno para contemplar o que é eterno. Eles pensavam na comida material, aquilo que encheria o estômago por algum tempo, mas Cristo os chamava a uma colheita de vidas para a eternidade!

O Senhor vai além em seu discurso: *“Aquele que colhe já recebe o seu salário e colhe fruto para a vida eterna, de forma que se alegram juntos o que semeia e o que colhe”* (Jo 4.36). Existem dois pontos muito importantes aqui. O primeiro é que o foco de Jesus é a salvação. Não existia nenhuma outra relação de prazer e alegria naquele momento para ele além de levar pessoas para a vida eterna.

O segundo é que a colheita é um trabalho a ser executado que demanda empenho, mas também produz um grande resultado: **verdadeira satisfação**. Quantas vezes não nos perdemos ao focar em tarefas irrisórias e deixamos de encontrar verdadeira alegria naquilo que Jesus nos chamou para viver?

Nos versículos 37 e 38 nos é apresentado uma importante relação: *“Assim é verdadeiro o ditado: ‘Um semeia, e outro colhe’. Eu os enviei para colherem o que vocês não cultivaram. Outros realizaram o trabalho árduo, e vocês vieram a usufruir do trabalho deles”*.

Comumente este texto é interpretado como se houvesse dois papéis a serem cumpridos pelos discípulos: o de semeador e o de ceifeiro. Mas não é isso que Jesus tinha em mente. Existe uma grande diferença de postura nessas tarefas. Quem semeia, olha para baixo e se concentra em despejar suas sementes. **Quem colhe, mantém seus olhos no fruto e o colhe com todo cuidado.** Este é o trabalho dos discípulos.

Quando Jesus afirma que *“um é o que semeia”*, ele não estava se referindo aos discípulos. A semeadura já havia sido feita por outros, afinal *“outros realizaram o trabalho árduo, e vocês vieram a usufruir do trabalho deles”*. Quem foram, então, os semeadores? Os patriarcas, profetas e fiéis do Antigo Testamento. Eles preparam o campo apontando para o dia em que o Messias viria para a colheita. Foi Abraão, Moisés, Davi, Isaías e muitos outros que semearam, não os discípulos.

João Batista foi um semeador durante seu ministério. Ele apontava para aquele que viria “tirar o pecado do mundo”. Até mesmo o Senhor Jesus foi um semeador, preparando não apenas Israel, mas todas as nações para a colheita. **Jesus foi o semeador, a semente que cai na terra e dá muito fruto e o primeiro ceifeiro.**

A visita dos discípulos à cidade samaritana certamente chamou muito atenção pelo fato deles serem judeus. Mesmo assim, eles permaneceram lá com apenas um propósito terreno em mente, comprar comida, e voltaram de lá com isso. Já a mulher, que diferentemente dos discípulos havia passado apenas alguns instantes com Jesus, foi a mesma cidade, mas voltou com uma multidão para apresentar ao salvador. **Uma perspectiva eterna muda tudo.**

Portanto, a evangelização não é “semear a palavra”, como geralmente se entende. Evangelizar é colher frutos maduros. Alguns textos são utilizados erroneamente para amparar a visão de evangelização como semeadura, como o Salmo 126, a parábola do semeador e a fala de Paulo aos coríntios (1 Co 3.6-8). Entretanto, essas passagens não falam da pregação do evangelho para a salvação de pessoas.

O contexto do Salmo 126 é o fim do exílio, onde o povo derramou lágrimas em oração, mas colheria feixes de alegria no retorno à sua terra. A parábola do semeador, por sua vez, não é sobre a semente, mas sobre os solos onde ela cai, que são os corações das pessoas diante das palavras de Cristo. E por último, 1 Co 3.6-8 é sobre o processo de plantação de uma nova igreja, e não acerca da comissão dos discípulos.

A palavra de Jesus em todos os textos sobre a grande comissão é sempre de envio. Diante da numerosa multidão de *“ovelhas sem pastor”*, **Cristo não ora por semeadores, mas por ceifeiros** (Mt 9.36-38). Não é mais necessário plantar, mas colher.

As pessoas estão prontas para ouvir o evangelho. A igreja não deve ser um grande depósito de sementes a serem espalhadas, mas um armazém de frutos para a vida eterna. Em João 20.21 o Senhor disse: *“Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio”*. Nosso chamado consiste em, como Jesus, termos uma única e plena satisfação que é guiar pessoas para o Pai.

Somos convidados a deixar de olhar para aquilo que é terreno para passar a contemplar o que é eterno. Devemos levantar os olhos, pois os campos já estão brancos para a colheita.

***Discípulos:***

***Ser e Fazer***

O que você diria às pessoas que ama se soubesse que aquelas seriam suas últimas palavras? Ninguém iria se ater a banalidades nesse momento. Certamente vocêalaria daquilo que é essencial; aquilo que lhe é mais importante. Com o Senhor Jesus não foi diferente.

Em Mateus 28.16-20, temos registro do último discurso de Cristo aos seus discípulos. O Senhor sabia que esse era seu momento final com eles, por isso, foi intencional em cada palavra. Para compreender melhor o peso daquilo que foi dito aos discípulos, precisamos observar o texto diante da luz de seu contexto.

Jesus, conforme ele mesmo havia anunciado, morreu na cruz do calvário, mas ressuscitou vitorioso no terceiro dia. Foi apenas após a ressurreição, quando Cristo apareceu aos seus discípulos, que eles compreenderam quem ele realmente era. Quando o Senhor afirmou *"toda autoridade me foi dada nos céus e na terra"*, os onze entenderam que toda a vida do Mestre, seu perfeito sacrifício e sua ressurreição culminaram na **inauguração de um novo tempo**.

A bênção prometida para todas as famílias da terra, o início da Nova Aliança e a reconciliação de todas as coisas haviam começado ali, na vitória de Jesus. Após isso, ele ascendeu aos céus para estar outra vez junto ao Pai. Mas quem daria continuidade a toda expansão do Reino de Deus prometido e manifesto? Eles, os discípulos.

Que tamanha responsabilidade! A ordem do ide de Jesus não é outra senão **“vão e façam o que eu fiz”**. O ministério de Cristo não terminou quando ele ascendeu aos céus, mas continuou no envio dos seus discípulos. Logo, uma pergunta se mostra inevitável: *O que teria acontecido se os discípulos não tivessem obedecido a ordem do Senhor?*

A resposta a essa pergunta é aterradora. Sem a obediência ao ide, ninguém jamais teria conhecido o grande amor de Deus no sacrifício de Jesus. O Reino não seria anunciado e todas as pessoas continuariam em trevas sob o domínio do pecado. **Um evangelho não compartilhado não tem poder para salvar.**

Foi através da obediência dos discípulos à ordem do Senhor que a boa notícia da salvação chegou até os confins da terra. O evangelho só foi conhecido pelas pessoas porque os seguidores de Jesus fizeram o que ele mandou: *ir e fazer discípulos*.

Se a grande comissão de Jesus consiste em fazer outros discípulos, o que isso significa para nós? Algo mudou nesses dois mil anos? A ordem e o objetivo de Jesus se alteraram com o passar do tempo? Certamente que não.

No entanto, parece que a intenção de muitos deixou de ser fazer discípulos para meramente guiar outros a uma repetição de palavras. A ênfase atual está em levar pessoas a pronunciar uma oração decorada, verbalizando uma confissão. Os que fazem isso são direcionados ao ritual do batismo, recebem o mínimo de informação para serem considerados cristãos e passam o resto de suas vidas sendo convencidos a se sentirem bem consigo mesmos. Era essa a vontade de Jesus?

O Brasil é uma nação onde a maioria da população se diz cristã. Dessa maioria, 60 mil se declaram evangélicos. Todavia, é nesse Brasil cristão que se evidencia uma gritante falta de interesse pelos mais vulneráveis. A violência, a corrupção e a injustiça só crescem, mesmo que a maior parte do país se identifique como seguidor de Jesus.

O índice de “desigrejados” é cada vez maior, podendo se tornar a maior denominação cristã do Brasil. O apego ao que é material e passageiro é gritante e não se vê um retroceder da maldade na nação. Se com doze discípulos Jesus transformou o mundo, por que milhares de cristãos não conseguem fazer a diferença nem mesmo em seus bairros?

Cristo veio ao mundo para fazer discípulos e ordenou a esses discípulos que fizessem outros discípulos. A intenção do Senhor não é outra senão que sejamos seus discípulos também. Existe o entendimento de que é necessário ser cristão, mas discípulo é algo exclusivo apenas para alguns. Não é isso que é visto nas Escrituras.

O termo “cristãos” aparece apenas 3 vezes em toda a Bíblia. Já “discípulos” pode ser encontrado 269 vezes no Novo Testamento. Só pela diferença gritante, podemos ver que a ênfase era uma: **fazer discípulos**. Somos discípulos ou não fazemos parte do grande plano do Senhor.

Não podemos pensar que o clímax da vida cristã é o momento do apelo para a conversão. Ainda que ele possua grande significado, ele não pode ser desprovido do correto entendimento. Alguns textos podem nos dar a base para essa compreensão, como 1 Jo 3.23, Mt 7.21 e Rm 10.9. Vamos nos ater à preciosa passagem de Romanos para o nosso propósito.

O texto diz: *“Se você confessar com a sua boca que Jesus Cristo é o Senhor e em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo”*. O famoso teólogo John Stott afirmou que se fosse necessário resumir o evangelho em apenas uma frase, ela seria **“Jesus Cristo é o Senhor”**. Essa sentença possui um enorme peso de significado

Na época em que Paulo escreveu a carta aos romanos, a palavra que traduzimos como “senhor” era utilizada pelos escravos para com seus donos. Em nosso contexto atual, esse termo possui uma conotação de respeito, mas não de sujeição total à alguém. Não é à toa que existem tantas pessoas que creem que Jesus ressuscitou, confessam ele como Senhor de suas vidas, mas não demonstram nenhuma mudança real em sua forma de viver.

É possível chamar Cristo de Senhor, mas, na prática, ser o único que governa a sua própria vida. Por esse motivo, Jesus já havia dito: *“nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus”* (Mt 7.21). **Ter Jesus como Senhor é muito mais que apenas repetir palavras.**

No primeiro século, a palavra “senhor” também era utilizada para se referir ao Imperador romano. Afirmar “César é o Senhor” significava total sujeição ao domínio do império. Logo, dizer publicamente “Cristo é o Senhor” naquele contexto, era assumir um real risco de morte e um total comprometimento como discípulo de Jesus.

Quando reduzimos a grande beleza da salvação em uma confissão sem vínculo real com o senhorio de Cristo, estamos guiando pessoas para um grave engano.

A prova real da fé sempre foi um jeito de se viver, uma disposição em perder tudo ao receber Jesus como único Senhor. É uma entrega total.

E por qual motivo, além da confissão do senhorio de Cristo, se faz necessário crer de coração na ressurreição para a salvação? Porque apenas quem acredita na ressurreição vive para além dessa vida. Quem realmente testemunha a vitória de Jesus sobre a morte não vive gastando seu tempo, esforço e recurso naquilo que é passageiro, mas trabalha pelo que é eterno.

O discipulado de Jesus é um compromisso para a eternidade. É viver a realidade da ressurreição no agora e manifestar seu poder fazendo novos discípulos do Senhor. É um chamado para uma vida em missão. É uma entrega até às últimas consequências.

Sejamos discípulos!

***Discipulado:  
evangelho,  
salvação e  
relacionamento***

O inigualável evangelho de Jesus nos revela uma profunda mensagem: **a salvação é fruto de uma relação**. Ninguém é justificado por ser bom o suficiente, inocente de qualquer pecado ou perfeitamente justo. Não, a salvação é pela graça mediante a fé (Ef 2.8). E o que seria "fé" senão confiança que gera um relacionamento com Cristo?

O pecado no Éden destruiu aquilo que é essencial para um relacionamento, a confiança. Ao desconfiar do Senhor e dar ouvidos a outras vozes a humanidade se perdeu completamente. No entanto, foi o próprio Deus que traçou um plano de amor e sacrifício para restaurar essa relação de íntima confiança. Por isso que, antes da relação, é necessário crer.

A partir dessa verdade o apóstolo Paulo escreveu:

*"... porque "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouvirem falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: "Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!" - Romanos 10:13-15*

Para que haja fé é necessário entendimento. Não é possível invocar alguém que não é conhecido. As pessoas serão salvas através da confiança no Senhor somente se elas possuírem o entendimento de quem Ele é. O evangelho tem que ser anunciado. A vida, a obra perfeita de Jesus na cruz e sua ressurreição **precisam ser ensinadas**.

A fé (confiança) se dá pelo ouvir a palavra de Cristo (Rm 10.17). Apenas quem ouve pode ter fé. E também é verdade que *“sem fé é impossível agradar a Deus”* (Hb 11.6). Ninguém pode se relacionar com Deus sem fé. Não obstante, Pedro escreveu que o *alvo da nossa fé é a salvação das nossas almas* (1 Pe 1.9). Isso tudo enfatiza a pergunta do apóstolo: *Como ouvirão, se não houver quem pregue?*

Por isso o *Ide*. Cristo vocaciona os seus discípulos com a mais bendita comissão que é *ir e fazer discípulos ensinando tudo que ele ensinou* (Mt 28.18-20). Essa ordem não se restringe a um grupo de pessoas, é para todos. Todos, sem exceção, precisam ouvir o Evangelho do Reino para serem salvos. Para que nele confiem, **é necessário ir e anunciar**.

Quem confia nele é também por ele justificado (Rm 4.3; Rm 4.23-24). O alvo dessa justificação é um relacionamento de amor com o Senhor.

Dessa forma, essa relação é um convite, ninguém é obrigado a se relacionar com Deus. Esse desejo só pode surgir através da pregação e do discipulado.

Nós cremos porque ouvimos a respeito de Cristo, então precisamos fazê-lo conhecido de outros também. Os discípulos de Jesus são aqueles que fazem discípulos. Ninguém pode ir até Ele sem que saiba quem Ele é e o que fez. É preciso pregar.

Alguns poderão perguntar: *“e aqueles que não tiveram a chance de ouvir o evangelho, é justo alguém ser condenado por algo que não sabe?”*. Ninguém é condenado por não ter ouvido o evangelho. Isso não quer dizer, como outros afirmam, que todos aqueles que não ouviram estarão salvos porque, no final, o amor vence. Não é isso que a Bíblia ensina.

A partir da lógica desse pensamento, de que a salvação dos que não ouviram é garantida, a pior coisa que poderíamos fazer é anunciar o evangelho. Afinal, se essas pessoas são salvas por sua ignorância, ao conhecer a mensagem de Cristo elas correm o risco de rejeitá-lo! Para quê, então, ir até os confins da terra anunciando a todas as etnias?

Não, as pessoas não são condenadas por não ouvir o evangelho, mas pelos seus próprios pecados. Alguém poderá dizer: *“mas e o membro inocente da tribo africana que nunca ouviu o evangelho?”*. Certamente esse inocente seria salvo. O problema é que não há pessoa alguma que seja inocente.

A Bíblia é categórica em dizer que *“todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”* (Rm 3.23). Não há nenhum justo sequer (Rm 3.10). Ainda que nem todos venham a ter contato com a revelação especial de Deus, que são as Escrituras, a todos é revelado **o caráter justo do criador manifesto na natureza:**

*“Portanto, a ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e os seus corações insensatos se obscureceram.”* – **Romanos 1:18-21**

Por meio dessa revelação é gerado em todos os homens uma consciência de justiça. Mesmo essa justiça interna fruto da revelação geral é violada por todas as pessoas. Ninguém é condenado por não ouvir o evangelho, mas sim por suas próprias transgressões.

É por isso que o nosso papel como discípulos é alertar a todos sobre a gravidade do pecado e apresentar o caminho da salvação em Jesus. Precisamos anunciar para pessoas que, como nós, não são inocentes, que elas podem confiar em Jesus justificação. Apenas assim alguém pode **deixar a curta rota para o isolamento eterno e tomar parte no caminho do relacionamento sem fim.**

O inferno é descrito através de muitas metáforas como fogo que não se apaga, verme que não morre, escuridão e ranger de dentes. Isso demonstra que lugar de pavor é a condenação. Porém, mais que isso, o inferno é a consumação do desejo persistente de negar um relacionamento com Deus. É o eterno afastamento da bondade, doçura, glória e intimidade do Senhor. Não há nada mais terrível do que isso.

O relacionamento é um convite, não uma imposição. A vontade de Deus é que todos sejam salvos (1Tm 2.4). E ele entregou a nós, seus discípulos, a mensagem do convite à salvação. Quão gloriosa vocação é fazer o Deus de amor conhecido e adorado em toda a terra. Essa deve ser, portanto, nossa maior prioridade: sermos discípulos que fazem discípulos de Jesus para um relacionamento de amor eterno.

Sejamos discípulos!

# ***Valores do Discipulado***

Se o ministério de Jesus iniciasse hoje, onde ele te encontraria? Talvez em uma enfermaria após um longo turno. Quem sabe em uma linha de montagem depois de duras horas de trabalho. Ou em uma sala de aula, marcado de giz, carregando os deveres do dia.

No caso dos primeiros discípulos, eles estavam pescando em uma manhã frustrante. No entanto, foi em um dia assim, como qualquer outro, que suas vidas mudaram para sempre.

A história da pesca milagrosa e do convite ao discipulado dos primeiros apóstolos é tão importante que consta em todos os quatro evangelhos. Vamos nos ater ao relato de Mateus 4.17-22, mas antes precisamos compreender o que antecedeu ao fatídico dia da grande pesca.

Quem eram aqueles homens antes de se tornarem discípulos de Jesus? Em seu livro *O Discípulo Radical*, John Stott afirma que uma das características daqueles que foram escolhidos por Jesus era a inconformidade; uma sede por algo a mais. Não à toa, alguns deles já eram seguidores de João Batista e esperavam a manifestação do Messias prometido.

Marcos 1.14 narra a prisão de João sob o governo de Herodes. Sua mensagem sempre enfatizou uma transição; era a preparação de algo que estava por vir e seus discípulos sabiam disso. Por isso, quando Jesus iniciou seu ministério em Cafarnaum pregando o cumprimento da mensagem de João, aqueles homens logo se interessaram por ele. André, irmão de Pedro, e João eram parte desse grupo.

André e João foram ao encontro de Jesus para lhe perguntar: *“Mestre, onde o senhor está hospedado”* (Jo 1.38-39). A resposta de Jesus é reveladora para o discipulado, ele disse *“venham e vejam”*. Já naquele primeiro momento Cristo lhes revelou algo da vocação do discípulo, que é estar perto do Mestre. Tudo indica que eles passaram algumas horas com Jesus em sua casa. Desde antes do chamado já havia proximidade.

É André que, após esse encontro com Cristo, apresenta o Senhor a seu irmão Simão. Jesus o apelida de Pedro (Jo 1. 41-42). Podemos observar que antes do convite à vocação houve um primeiro contato entre Jesus e os discípulos. Conhecer e se relacionar com o Mestre é essencial para o discipulado. Somente depois desses fatos é que ocorre o episódio da nossa mensagem.

No dia do chamado daqueles discípulos, Cristo pregava à beira do Mar da Galiléia para uma grande multidão que o comprimia. O Senhor pediu, então, o barco de Pedro emprestado para falar melhor ao povo. Ainda que Simão e seus parceiros houvessem passado toda a noite anterior trabalhando, ele não negou o pedido do Senhor.

Após falar à multidão, Jesus fez um novo pedido a Pedro: que ele levasse seu barco novamente às águas e lançasse a rede para a pesca. Aqueles homens não eram pescadores inexperientes, eles conheciam toda a rotina da pesca e quais os melhores horários para pegar peixes. Eles passaram muito tempo sem apanhar nada. Mesmo assim obedeceram ao pedido de Cristo. Essa se mostraria a melhor decisão de suas vidas.

Ao lançar as redes sob a palavra de Jesus, os pescadores apanharam tantos peixes que precisaram de outros barcos para recolhê-los. A pesca foi um grande milagre e o abundante resultado gerou verdadeira alegria naqueles homens.

## 2 – Obediência

O propósito de Jesus na vida dos discípulos só se realizaria através da obediência. Há um processo no discipulado de Cristo, um “como” ele faria daqueles homens “pescadores de gente”. Podemos destacar 5 etapas desse processo no chamado daqueles homens:

**1. A entrega das posses:** A primeira parte do processo do Senhor com Pedro foi o pedido para o uso de seu barco. Aquele era o ganha pão de Simão. Era através dele que ele havia sustentado sua casa durante anos. Ainda assim, ele não deixou de ceder seu bem para o uso de Jesus. Ele entregou algo que era seu para que as palavras de Jesus chegassem aos outros.

**2. Renúncia da perspicácia humana** – Ainda que Pedro fosse um pescador experiente e habilidoso, ele foi humilde o suficiente para obedecer a ordem do Mestre de lançar as redes novamente. Ele poderia se ater a sua própria sabedoria e dizer que não havia jeito de pescar qualquer peixe. Mas ele obedeceu para além de sua perspicácia confiando na palavra de Cristo.

**3. Fidelidade à Palavra de Jesus** - Eles não fizeram concessões ao pedido do Mestre, pelo contrário, foram diligentes em fazer exatamente o que lhes foi ordenado. O resultado dessa obediência foi um tremendo milagre não apenas na pesca milagrosa, mas também em seus corações.

**4. Reconhecimento da identidade de Jesus** - Não é possível obedecer a Jesus sem reconhecer quem ele realmente é. Diante de Cristo, Pedro percebeu que ele não era apenas mais um profeta ou um meio para suas bênçãos pessoais. Ele reconheceu a divindade em Jesus. É preciso crer em quem o Senhor verdadeiramente é: o Filho de Deus.

**5. Noção do próprio estado de pecador** - Ao reconhecer a identidade de Jesus, Pedro se vê diante de seu próprio pecado. Ele viu sua incapacidade em purificar a si mesmo. É necessário um profundo reconhecimento de nossa necessidade de salvação para então abraçar o discipulado.

### 3 - Alegria

Em nossa vida profissional, ficamos felizes quando recebemos o salário de um mês trabalhado. O resultado do trabalho gera em nós alegria. É exatamente a alegria do resultado que Jesus propõe no discipulado. Como os pescadores ficam felizes após uma farta pesca, os discípulos de Jesus se alegram na salvação de vidas.

O chamado do Senhor para sermos “*pescadores de gente*” é a certeza de tremenda alegria no resultado da salvação. Se os céus festejam constantemente por conta daqueles que são salvos, a felicidade proposta aos discípulos também é profunda e constante. O lucro dos pescadores de gente é a transformação de vidas através do evangelho de Jesus.

O discipulado se dá na presença constante que leva à obediência gerando imensa alegria. Só há uma forma de responder ao convite de Cristo: como fizeram os discípulos, de maneira imediata, irrestrita e incondicional. É deixar tudo confiando na bendita palavra do Verbo da vida. É seguir a Jesus com a certeza do propósito eterno da salvação, tanto a nossa como a de muitos.

Sejamos discípulos!

# ***A Igreja e o Discipulado***

Vivemos em uma sociedade de consumo. Trilhões de dólares são investidos ao redor do mundo para a cultura do consumismo. Somos levados a crer que a felicidade está em consumir o máximo possível e que tudo é feito para o nosso prazer. São serviços e produtos focados no cliente. O consumidor tem sempre a razão e é bajulado constantemente para ser conquistado. Nessa ludibriante realidade, nós somos o centro do universo.

Não é de surpreender que o mundo pense dessa forma. O problema é quando a igreja também é formada de ávidos consumidores. Procura-se mensagens que acariciem o ego e, da mesma forma que se descarta um produto utilizado, troca-se o objeto de consumo religioso. Na vitrine existe todo tipo de produto: bandas, estilos, congressos, ritmos, mensagens de diversos sabores e igrejas voltadas exclusivamente à satisfação do cliente. Até mesmo o próprio Deus se torna um produto a ser consumido.

No entanto, a realidade dos discípulos de Jesus é inversa à do consumo. Os discípulos são aqueles que servem. São os que se doam e se sacrificam por outros; se entregam para serem consumidos e não para consumir.

Vivem como o Senhor que *“não veio para ser servido, mas para servir”* (Mc 10.45). Caminham para fazer discípulos (Mc 16.15-20; Mt 28.19-20).

A história da igreja é uma ótima fonte para observarmos o resultado do verdadeiro discipulado de Cristo. Registros apontam que no século I havia cerca de 25 mil cristãos em todo o mundo. Apenas 200 anos depois, a estimativa muda para mais de 20 milhões de pessoas que confessam Jesus como seu Senhor e Salvador. Como isso foi possível? Como um pequeno movimento perseguido e ridicularizado se tornou a maior religião do império romano em tão pouco tempo?

A seguinte pergunta é muito comum ao se tratar da igreja primitiva: *“o que eles tinham que nós não temos?”*. Entretanto, essa não é a correta indagação a se fazer. A verdadeira questão deveria ser: *“o que nós temos que eles não tinham e mesmo assim transformaram o mundo?”*.

Esse grande movimento de transformação na China também ocorreu sem acesso livre às Escrituras, sem instituições, congressos ou templos. Pelo contrário, a igreja floresceu perante um árduo risco de morte. Como isso foi possível? Certamente não com um discurso de bajulação para os consumistas, tão comum em nossos dias.

Outro grande caso da história foi o movimento metodista inglês de John Wesley. Wesley foi um grande pregador e avivalista de seu tempo. Na data de sua morte, um a cada trinta ingleses se identificava como cristão metodista. Nos primeiros anos da Igreja Metodista na América, por volta de 1776, 2% da população se dizia metodista. Mas, apenas 74 anos depois, 34% do povo americano fazia parte da denominação.

O que há em comum nesses três exemplos da história? Algo central: *eles focaram naquilo que é essencial, o ir e fazer discípulos*. Só existe uma coisa imprescindível na igreja, que são as pessoas. É nos relacionamentos que há discipulado, louvor, partir do pão, ensino da palavra, batismo e adoração. Foi no convívio, na intimidade e no amor que os discípulos cumpriram a grande comissão de Jesus.

Se voltarmos ao contexto do primeiro século, poderemos compreender melhor como era a realidade vivida na igreja dos discípulos. Olhando para o passado de nossos irmãos, é possível avaliar o nosso presente e julgar o que é realmente essencial e, geralmente, negligenciado.

Na cultura greco-romana dos primeiros cristãos, havia um tipo de relação social que sustentava aqueles que viviam acima da linha da miséria, o patronato. Homens de grande poder e influência chamados patronos eram procurados para serem servidos por outras pessoas em troca de segurança, alimento e trabalho.

Os patronos, também chamados de *Pater familias*, possuíam na lei romana autoridade total sobre as pessoas que viviam debaixo de seu domínio. Eles moravam em grandes casas chamadas de *Domos*, onde trabalhavam vários servos e escravos. O direito permitia ao *Pater familias* fazer o que ele bem entendesse com as pessoas que eram consideradas suas propriedades.

Aqueles que estavam debaixo do domínio de um patrono deveriam exercer a religião de seu senhor.

É por isso que Pedro, em sua primeira carta, escreve encorajando os escravos e esposas de patrões que creram em Jesus (1 Pe 2.18-25; 3.1-2). Assumir uma fé diferente daquela exercida no lar poderia resultar em humilhação, sofrimento e até morte.

Se observarmos a carta de Paulo para Filemon, veremos que ela foi endereçada a um *Pater familias*, só que este da família da fé. O apóstolo escreveu ao patrono Filemon para interceder pelo fugitivo Onésimo, antigo escravo de Filemon. Ali, Paulo demonstra como nossa posição de servos de Cristo é muito superior a qualquer situação social (Fm 1-18).

Nessa mesma preciosa carta, podemos observar algo notável para a compreensão da igreja da época. Paulos escreveu: “à irmã Áfia, a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que se reúne com você em sua casa” (Fm 2). Havia uma igreja na casa do patrono Filemon. Mas que igreja era essa? No versículo 23 existem alguns nomes a serem notados: *Epafras; Aristarco; Marcos; Demas; Lucas*. Se conferirmos Colossenses 4.7-17, veremos que esses mesmos nomes são citados ali. A igreja na casa de Filemon era a igreja dos Colossenses.

No capítulo 4 da epístola aos Colossenses, também podemos observar que a igreja de Laodicéia se reunia na casa de uma mulher chamada Ninfa (Cl 4.15). O que isto demonstra? Que a igreja é um movimento nas casas, onde estão os discípulos de Jesus se reúnem para adorar e ter comunhão. Ali é a igreja do Senhor. Foi assim desde o início do cristianismo (At 2.42-42; 2.46-47).

A igreja acontece onde as pessoas estão, não apenas aos domingos. A igreja nos lares é a própria manifestação da igreja, não um espaço físico, mas um ambiente de relacionamento. É nesse ambiente que são formados os discípulos do Senhor. São nas casas, nas escolas, nas fábricas e nas ruas; onde houver discípulos.

Este é o potencial de cada discípulo de Jesus: *viver igreja seja onde for*. Nossa vocação é edificar a casa de Deus onde as pessoas estiverem. Essa é a realidade da grande comissão. É viver o que foi dito por Jesus:

*“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.*

**- Mateus 28:19,20**

Sejamos discípulos!

# ***Dois senhores***

Falar sobre dinheiro na igreja se tornou um tabu. Essa dificuldade não existe à toa, afinal, muitos abusos foram e continuam sendo cometidos ao se relacionar fé com bens. Ainda que muitos escândalos estejam em evidência nos dias atuais, esse não é um problema novo na história da igreja. Já no primeiro século havia um grande cuidado em preservar os irmãos das garras daqueles que estavam interessados apenas em lucrar em cima do evangelho (1 Tm 3.6-10).

No entanto, diferente do pensamento popular, o assunto dinheiro é mais santo do que parece. Mesmo que lobos, mercenários e abusadores tenham marcado a vida de muitas pessoas, o tema da relação entre dinheiro, bens e o Reino de Deus é belo e essencial para a vida da igreja, quando tratado à luz das Escrituras. E, acredite, a Bíblia tem muito a dizer a esse respeito.

Se fôssemos elencar os assuntos que acreditamos ser os mais presentes na palavra de Deus, quais seriam eles? Salvação, fé, graça, perdão, céu e inferno certamente estariam em nosso top 10. Mas e o dinheiro?

Qual seria seu lugar na lista? Provavelmente entre os últimos. Porém, segue um fato surpreendente: *existem mais de 2.300 versículos bíblicos que falam sobre dinheiro.*

Além dos exemplos mais famosos (*Sl 62.10; Lc 12.34; Ec 5.10; Pv.23.4; Hb 11.5; Pv 3.9; Lc 16.10; Dt 15.10; Pv 11;25; Mt 3.9-10*), o próprio Senhor Jesus falou muito sobre o assunto. De suas 39 parábolas registradas nos evangelhos, 11 tratam do tema. Cerca de 15% de tudo que Cristo disse foi sobre nossa relação com os bens e recursos deste mundo. É inegável que dinheiro era um assunto importante para Jesus.

Mas, por quê? Por que a Bíblia dedica tanto espaço para falar sobre o dinheiro? Porque dinheiro, querendo ou não, é algo importantíssimo para nós. Gastamos a maior parte de nosso tempo e esforço em assuntos relacionados ao dinheiro. Deixamos de cuidar da saúde, da família, dos amigos, do próximo e, o mais lamentável de tudo, deixamos de lado as coisas do próprio Deus por causa do dinheiro. Se o dinheiro é tão essencial para nós, certamente ele é importante para o Senhor.

No livro *Money Matters*, ou “Dinheiro Importa”, do Dr. R. Paul Steven, co-escrito com o Dr. Clive Lim, os autores defendem que, longe de ser algo neutro, o dinheiro exerce domínio sobre mentes e corações. Ao tratar sobre a origem do dinheiro, o livro apresenta uma perspectiva diferente da usual. Segundo Steven e Lim, não foram o escambo e as permutas que precederam a invenção das moedas de troca, mas o contrário.

Evidências demonstram que há mais de 5 mil anos, na região do oriente próximo, o dinheiro já era usado nas estruturas centrais de poder das cidades da antiguidade: os *templos*. Justamente nos templos que os bens básicos de consumo como grãos e trigo eram armazenados e trocados por moedas correntes. Muito antes do primeiro texto bíblico ser escrito, o dinheiro já era usado no ambiente religioso como algo sagrado.

Não há neutralidade no dinheiro. Ele nasceu de uma espiritualidade e, não à toa, exige devoção. É por isso que o Senhor é tão categórico ao dizer: *“Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro”* (Mt 6.24).

Martinho Lutero chegou a afirmar que todas as pessoas precisam passar por três estágios de conversão: *a razão, o coração e a carteira*. Existe uma conexão direta entre nossa espiritualidade e a forma como lidamos com o dinheiro. Isso é tão importante que Jesus apresentou a postura diante dos bens materiais como evidência da verdadeira fé (ou da falta dela).

## **A conversão de Zaqueu, o chefe dos publicanos**

Em Lc 19.1-10 somos apresentados à história de conversão de um homem rico chamado Zaqueu. Ele era o chefe dos publicanos, que eram os cobradores de impostos do império Romano. Um judeu poderia se tornar um publicano através do pagamento de uma quantia considerável. Se tornar um traidor da pátria era um preço pequeno a ser pago diante do grande lucro que a profissão lhe poderia proporcionar. Eles não eram detestáveis aos olhos do povo apenas por trabalharem para os dominadores, mas também por enriquecerem através de ganhos ilícitos sobre seus conterrâneos.

O odiado e controverso Zaqueu ouviu falar sobre Jesus de Nazaré. Sabendo que ele passaria por sua região, nasceu nele um desejo intenso de ver a Cristo.

Sem se importar com o vexame que seria um homem de sua posição subir em uma árvore, ele escalou para ver o Senhor. O que ele não esperava é que o próprio Jesus desejava ter um encontro com ele. Assim, o Mestre foi até a casa do chefe dos publicanos.

À mesa com o Senhor Jesus, Zaqueu creu e, como consequência de sua fé, algo tremendo aconteceu. Ele decidiu dar metade de seus bens aos pobres e restituir quatro vezes mais a qualquer pessoa que houvesse extorquido. Diante disso, Jesus declarou *“nessa casa houve salvação”*.

Sim, somos salvos pela fé, como foi Zaqueu, porém, essa fé nos dirige a uma relação diferente daquela que o mundo costuma ter com o dinheiro. Cristo relaciona a postura de Zaqueu com o dinheiro como evidência de salvação. Um elo pode ser notado aqui: *a forma como utilizamos nossos bens em relação ao próximo demonstra a genuína fé em Cristo*

## **O obstáculo intransponível para o jovem rico**

Outra história de encontro entre um homem rico e Jesus é narrada em Lc 18.18-25, a história do jovem rico. Um homem considerado reto, justo, trabalhador e obediente à lei de Deus se dirige a Jesus com uma pergunta: *o que me falta para herdar a vida eterna?*

Desde a adolescência aquele jovem guardava os mandamentos. Sua retidão e riqueza eram considerados um sinal da bênção de Deus diante de seus contemporâneos. No entanto, algo certamente lhe faltava e Jesus lhe responde o que, dizendo: *venda tudo o que você possui, dê o dinheiro aos pobres e então me siga.* O que faltava no jovem rico não era escassez, mas excesso. Tudo que ele pensava possuir, na verdade, o possuía.

Defronte a resposta do Mestre, o homem se entristeceu profundamente. O que o impedia de pertencer totalmente ao Senhor era o seu amor insuperável por seus muitos bens. A vida eterna não valia o custo. Seu deus era seu dinheiro, de quem ele era escravo.

Por isso Cristo afirmou: *como é difícil um rico entrar no Reino dos céus.*

Randy Alcorn, comentando sobre essa passagem, escreveu:

*“Nós certamente teríamos lidado com a situação de outro jeito. Primeiro teríamos elogiado o jovem rico por seu interesse em coisas espirituais. Depois, teríamos dito: “Apenas creia, isso basta; peça que Deus entre em sua vida - na verdade, você não precisa fazer nada”. E se o jovem dissesse “Tudo bem, eu creio” (o que certamente ele teria dito, porque não lhe custaria nada), nós o consideraríamos um seguidor de Cristo. Imaginem como nós teríamos nos sentido abençoados sabendo que o Reino de Deus estava avançando a passos largos pela conversão desse homem rico e conhecido! Não demoraria, e livros e artigos seriam publicados sobre ele. Ele apareceria em programas de rádio e TV. Ele assumiria uma missão e faria parte do conselho da igreja; discursaria em cruzadas e receberia convites para compartilhar seu testemunho em igrejas e conferências no país inteiro, tornando-se, muito provavelmente, um homem ainda mais rico.”*

Se desfazer de todos os bens não é uma norma para seguir a Jesus. Em nenhum outro lugar dos evangelhos o Senhor pede para outra pessoa o que pediu para o jovem rico. Mas fica claro que Cristo deseja retirar os obstáculos que nos impedem de segui-lo.

Zaqueu e aquele jovem são dois homens ricos que igualmente se encontraram com Jesus, todavia, com um contraste entre eles. Enquanto a disposição de abrir mão de suas posses demonstrava a fé do publicano, o apego inalienável do jovem rico aos seus bens materiais evidenciava sua falta de fé para a salvação.

Como Senhor de nossas vidas Jesus não apenas pode, mas quer interferir na forma como nos relacionamos com o dinheiro e as posses. Se ele não pode ser Senhor sobre nossos bens, de fato ele não é nosso Senhor. Jesus pede que entreguemos tudo ao seu senhorio. Ninguém pode servir a dois senhores.

## **A entrega total da viúva pobre**

Cristo toma lugar próximo a caixa de ofertas do templo em Lc 21.1-4. Ali, de maneira intencional, ele observa cada ofertante. Os ricos depositavam grandes quantias no gazofilácio.

No entanto, foi uma viúva pobre que surpreendeu o Senhor. Ela, em sua pobreza, depositou apenas duas moedinhas como sua oferta, porém, para Jesus, ela deu mais que todos os outros.

O que Jesus estava medindo? Afinal, é muito óbvio que os ricos haviam dado mais dinheiro ao templo do que jamais aquela viúva poderia sonhar em possuir. Como ela poderia ter dado mais que os outros? Cristo responde: *os ricos deram do que lhes sobrava, mas ela, em sua pobreza, deu tudo que tinha.* A maneira como lidamos com os recursos que pensamos ser nossos revela onde estão nossos corações.

Deus não está interessado apenas se ofertamos, mas em *como ofertamos.* Veja que Cristo, mais uma vez, lidou com a situação de maneira completamente diferente de nós. Certamente ficaríamos muito alegres pelas quantias exorbitantes das sobras dos ricos. Todavia, a quantia não impressiona o Senhor, mas sim a confiança e a dependência.

Independentemente do valor, as sobras de um rico lhe custam muito pouco. Ele não deixará de fazer uma viagem, comer em um restaurante caro ou andar em seu carro de luxo por ter ofertado suas sobras.

Entretanto, quando um pobre dá tudo que tem, por menor que seja, lhe custa uma refeição, um transporte, um lugar para dormir. Faz toda diferença.

O rei Davi, considerado um homem segundo o coração de Deus, mesmo sendo rico, pensava dessa maneira. Diante da possibilidade de ofertar ao Senhor algo que não lhe seria custoso, ele negou veementemente. Ele se recusou a dar algo a Deus que não demonstrasse a condição de seu coração voltada ao Senhor. Para ele, sua oferta tinha tudo a ver com o lugar onde se encontrava seu amor.

Porém, antes de apontar para os ricos e dirigir acusações, responda algumas perguntas. Você tem um celular? Possui uma renda recorrente? Água corrente e energia elétrica? Acessa a internet e assina serviços de Streaming? Então, sem dúvida, você faz parte de uma minoria global. Grande parte do mundo não tem acesso a nenhuma dessas coisas.

O custo de um simples jantar feito em um restaurante poderia alimentar uma criança africana durante um mês. Uma refeição em um fast food talvez tenha o mesmo valor necessário para manter uma família nordestina durante uma semana.

O que dizer então dos tênis de marca, jóias, perfumes e roupas caras? Onde está o nosso tesouro, ali também estará nosso coração.

Jesus está observando. Jesus se importa. A forma como lidamos com o dinheiro evidencia se temos ou não a fé genuína em Cristo.

# ***A generosidade vai além***

Ninguém discordaria que os verbos compartilhar, doar e servir estão intrinsecamente ligados ao cristianismo. Não existe polêmica quando o assunto é ofertar bens e recursos para o bem comum. Caridade, solidariedade e altruísmo são palavras bem quistas, inclusive por aqueles que não fazem parte da fé. Até aqui, tudo bem. As reais divergências surgem quando se discute o como, o quanto e o para quem deve-se doar. É aqui que o desconforto começa.

Um dos temas considerados mais controversos e, portanto, mais atacados nas igrejas é o assunto do dízimo. A mera menção da palavra pode servir de gatilho para traumas e abusos que muitas pessoas viveram em diferentes comunidades. A “obrigação” de se dar 10% de todos os ganhos para a igreja soa como fanatismo e manipulação religiosa para alguns. Será que esse “dever” e porcentagem específica revelam, de fato, o propósito de Deus para a contribuição de seu povo?

Acredite, a métrica nunca foi *apenas 10%*.

## Os dízimos do Antigo Testamento

O Antigo Testamento não fala sobre dízimo, no singular, mas sim sobre dízimos, no plural. Havia três tipos de dízimo em Israel, conforme apresentados nos textos do pentateuco: Lv 27.30-34; Nm 18.8-32; Dt 14.22-23; Dt 14.28-29. Essas três arrecadações possuíam diferentes fins.

A primeira arrecadação de dízimo era destinada à tribo de Levi e provinha das outras 11 tribos de Israel. Os levitas foram separados por Deus para seu serviço nas questões espirituais e de culto. Diferente das outras tribos, a família de Levi não recebeu uma porção de terra por herança, mas a incumbência de desempenhar, exclusivamente, a intermediação da adoração.

O trabalho religioso desempenhado pelos levitas era de imprescindível importância para toda a nação. Por sua dedicação integral, o Senhor ordenou que as outras tribos contribuíssem com o sustento dos levitas. Esse dízimo era do Senhor e para o Senhor, mas a tribo de Levi o administrava e se mantinha através dele.

A segunda oferta de dízimos existia para a celebração das festas sagradas (Dt 12; 14; 26).

Esses festivais relembravam o povo, geração após geração, dos grandes feitos do Senhor e da revelação de sua lei. O dízimo para esses eventos possuía o propósito de ensinar o povo a temer o Senhor e ter zelo por sua palavra (Dt 14.23).

Por fim, havia também o dízimo social, destinado ao cuidado dos pobres (Dt 14.28). Ao final de cada três anos, os hebreus deveriam separar o dízimo das colheitas do terceiro ano que serviria para alimentar os órfãos e as viúvas. Diferente dos outros dois, este não era anual, mas ocorria em intervalos de três anos.

Se calcularmos a média entre esses três dízimos, chegaremos à conclusão que cerca de 23% das colheitas anuais dos israelitas era oferecida ao Senhor. E isso sem contar com o dízimo real, introduzido na monarquia, e com as demais ofertas. Não à toa o famoso versículo do profeta Malaquias afirma que o povo roubava a Deus nos *dízimos* (plural) e não no dízimo (singular). Essas ordenanças são atestadas para além do texto bíblico, aparecendo no livro apócrifo de Tobias, nos escritos de Josefo e também no Talmude.

Certo, é inegável que Deus pedia além dos 10% ao seu povo na Antiga aliança. Mas, e na “época da graça”, como utilizam alguns se referindo ao Novo Testamento? Como se dá a questão do dízimo e das contribuições na revelação de Jesus Cristo?

## **A generosidade abundante do Novo Testamento**

Jesus de Nazaré, sendo judeu, anunciou sua mensagem primeiramente aos judeus. As primeiras pessoas a responderem e darem continuidade à sua missão também eram do povo de Israel. A igreja, em seu nascimento, era composta de muitos judeus e teve seu início em Jerusalém. Por conta deste contexto judaico, muitos dos textos neotestamentários fazem oposição a algumas práticas veterotestamentárias por conta da nova revelação em Cristo. Entretanto, não é o que acontece com o costume dos dízimos e das ofertas.

Cristo se manifestou abertamente a respeito de muitos costumes de seu povo que, diante de sua vinda, não faziam mais sentido. A guarda do sábado, a circuncisão e os sacrifícios de animais são exemplos dessa conclusão em Jesus.

Porém, em relação aos dízimos e ofertas, não há menção alguma de oposição. Pelo contrário, em Mateus 23.23 o Senhor afirma:

*"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas têm negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês devem praticar estas coisas, sem omitir aquelas."*

Ainda que essa passagem não seja uma declaração clara da continuidade dos dízimos, algo fica evidente: o dever de praticar o cerne da Lei de Moisés, ou seja, *a justiça, a misericórdia e a fidelidade*. E as ofertas parecem fazer parte disso.

Seguindo para os escritos do apóstolo Paulo, também não há uma menção direta aos dízimos, mas uma abundante presença do tema das contribuições financeiras na vida da igreja. Apoio aos necessitados e aos líderes das comunidades são assuntos recorrentes nas cartas paulinas.

Em 1 Co 9.13-14, Paulo defende o direito dos líderes da igreja de receber sustento financeiro pela dedicação ao ministério.

Ele fundamenta sua argumentação com os exemplos do Antigo Testamento, demonstrando que, em semelhança aos trabalhadores do serviço sacerdotal, aqueles que vivem do evangelho devem ser apoiados financeiramente.

Em 2 Co 8 e 9, o apóstolo incentiva a igreja a contribuir generosamente na ajuda aos cristãos pobres de Jerusalém. Um coração generoso deve resultar em ofertas voluntárias no cuidado dos irmãos, segundo Paulo. Ele mesmo, em Filipenses 4, agradece a oferta dos irmãos enviada para suprir suas necessidades na prisão. Ou seja, os crentes são encorajados a contribuir com as demandas da igreja, dos necessitados e da obra missionária.

Além dos escritos paulinos, temos o exemplo mais famoso, o da recém-nascida igreja, relatado em Atos 2 e 4. Ali é descrito que os irmãos compartilhavam *tudo o que tinham*, a ponto de venderem suas posses para que não houvesse ninguém necessitado de coisa alguma entre eles. Diante disso, vemos que a realidade do Novo Testamento supera até mesmo a do Antigo. Afinal, o que era 23% ao ano no passado se torna 100% a partir da revelação do Senhor Jesus.

## **Como, por que e quanto contribuir hoje?**

Vemos o que foi dito por Moisés, Cristo e Paulo no decorrer das Escrituras acerca das contribuições financeiras. Podemos, portanto, concluir que a obrigatoriedade do dízimo como comumente conhecemos não está revelada claramente. No entanto, as divergências a respeito do tema normalmente se tornam desculpas para aderir a posições que mais agradam as inclinações da carne, não o contrário.

Geralmente, quem fala energicamente sobre o legalismo da obrigatoriedade do dízimo o faz para ofertar menos que o mínimo esperado. Por outro lado, existem aqueles que, após contribuírem com os 10%, se veem livres para fazer o que bem entendem com os 90% restantes. Qual seria, então, o posicionamento correto?

Um dos grandes argumentos de oposição ao dízimo é o fato de, em Cristo, não estarmos mais debaixo da lei, mas da graça. Defende-se que tudo aquilo que estava presente na Antiga aliança ali deve permanecer em uma total descontinuidade com a “época da graça”.

Todavia, esse pensamento por si já apresenta algumas contradições com a revelação de Deus e o seu caráter imutável.

A graça faz parte do ser de Deus; é um atributo inalienável do Senhor. Ou seja, o Senhor não se tornou gracioso, *Ele sempre foi e sempre será gracioso*. Não houve um só momento na existência em que Deus não expressou graça. Dizer que não havia graça na lei é não compreender o caráter de Deus e o propósito da própria lei. A lei revelada através de Moisés é uma expressão de maravilhosa graça.

Reconhecemos que a graça revelada em Cristo Jesus é transbordante, mas isso não muda o fato de que foi a mesma graça que preparou todo o processo até a revelação do Senhor Jesus na história. De Gênesis a Apocalipse é a graça de Deus que sustenta toda a narrativa bíblica.

Mesmo que estejamos vivendo em um tempo diferente após a vinda de Cristo, isso não nega a revelação do caráter imutável de Deus revelado no primeiro testamento. Um exemplo claro dessa verdade são os dez mandamentos (Êx 20). Nenhuma daquelas ordenanças se tornaram obsoletas, de forma alguma. Deus continua sendo o mesmo.

O próprio Jesus declarou clara e vividamente:

*"Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus."* - **Mateus 5.17-20**

O Messias não veio abolir a lei, mas cumpri-la, porque, afinal, *a lei de Deus é boa e cheia de graça*. Ela é perpétua, não irá passar. Por isso também foi dito que se a nossa justiça não exceder, em muito, a dos fariseus e mestres da Lei, de modo nenhum entraremos no Reino dos Céus (Mt 5.20). O que o Senhor espera daqueles que estão em Cristo é mais, não menos, do que das pessoas do Antigo Testamento. Essa realidade é expressa em todo o sermão do monte (Mt 5 -7).

A graça, por nos revelar um amor tão incrível, insuperável e inimaginável, nos leva a corresponder a esse amor de tal maneira que, por intermédio do Espírito Santo, podemos viver a justiça de Cristo no cumprimento da Lei. Não por obrigatoriedade, mas como resultado do amor.

## **As ofertas e contribuições como expressões de amor**

O amor só se manifesta na voluntariedade. Gratidão, adoração e obediência são resultado da abundante graça revelada no Senhor. Quem ama procura dar o mínimo necessário? Certamente não. Existem exemplos bíblicos que ilustram essa verdade antes mesmo da revelação da própria lei em Moisés.

Em Gênesis 4, antes que houvesse qualquer ordenança acerca de ofertas ou contribuições, Abel separou o melhor de seu rebanho para oferecer ao seu Senhor. No mesmo livro, Abraão, várias gerações antes do nascimento de Moisés, deu o dízimo dos espólios que havia conquistado (Gn 14). Por quê? Porque as ofertas são uma expressão de amor e adoração.

A graça, por nos revelar um amor tão incrível, insuperável e inimaginável, nos leva a corresponder a esse amor de tal maneira que, por intermédio do Espírito Santo, podemos viver a justiça de Cristo no cumprimento da Lei. Não por obrigatoriedade, mas como resultado do amor.

## **As ofertas e contribuições como expressões de amor**

O amor só se manifesta na voluntariedade. Gratidão, adoração e obediência são resultado da abundante graça revelada no Senhor. Quem ama procura dar o mínimo necessário? Certamente não. Existem exemplos bíblicos que ilustram essa verdade antes mesmo da revelação da própria lei em Moisés.

Em Gênesis 4, antes que houvesse qualquer ordenança acerca de ofertas ou contribuições, Abel separou o melhor de seu rebanho para oferecer ao seu Senhor. No mesmo livro, Abraão, várias gerações antes do nascimento de Moisés, deu o dízimo dos espólios que havia conquistado (Gn 14). Por quê? Porque as ofertas são uma expressão de amor e adoração.

Contribuir e ofertar financeiramente, muito longe de ser uma questão de salvação, é uma expressão de amor daquele que foi salvo por tremenda graça. É uma das formas de glorificar o Senhor com a própria vida. Nenhum dom, talento, trabalho ou mérito provém exclusivamente de alguém, mas do Senhor que concede tudo de bom grado. Ofertar é, portanto, reconhecer e dedicar tudo a Ele.

As ofertas voluntárias são mencionadas em diversos lugares das Escrituras. O Tabernáculo, o Templo de Salomão, e sua reconstrução anos mais tarde, foram feitos através de contribuições voluntárias. O que marca cada um desses eventos é a alegria e a dedicação do povo em contribuir com a obra de Deus. O desejo de ofertar era tanto que, no caso do Tabernáculo, Moisés teve que ordenar que o povo parasse de levar ofertas para sua construção.

Enquanto através dos dízimos as necessidades dos levitas e dos pobres eram atendidas, pelas ofertas o nome do Senhor foi engrandecido na construção e reconstrução de um lugar para adoração.

Se tudo isso se deu no Antigo Testamento, onde as pessoas ainda não conheciam a revelação de Jesus e a Nova Aliança, nem mesmo eram morada do Espírito Santo, o que pode ser feito através da igreja de Deus?

Conhecendo o amor e a graça que nos foi revelada em Cristo Jesus, somos inspirados a fazer mais ou menos que as pessoas do passado? Através do poder do Espírito Santo, em profunda gratidão, comunhão e amor, podemos ofertar abundante e generosamente nossos bens e recursos para a glória de Deus.

Como resultado desse grande amor, oferecemos a Ele não somente nosso dinheiro, mas toda nossa vida em louvor, gratidão e generosidade para que seu nome seja engrandecido em toda terra.

